

COLUMBIA LIBRARIES OFFSITE



1000191230

869.11-6685

**Columbia University
in the City of New York**

LIBRARY



**The
Nathaniel Currier Fund
for the
increase of the Library
Established 1908**

ap

COLLECCÃO
DE
POESIAS INEDITAS
DOS
MELHORES AUTORES
PORTUGUEZES.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.

em licença da Meza do Desembargo do Paço

Can

ALPHABET
33-57227
VTBQVIR 33
VAA 811

869.11
C685

✓ 1

33 - 57227 - Mar 28
AIM

PREFACIO DO EDITOR.

O Muito que perderia a Nação Portuguesa com a falta de publicação das presentes Poesias, todas de abalisados engenhos, foi hum forçoso motivo, que nos obrigou a dallas ao prélo. O nome de seus Autores pela maior parte he já tão conhecido, que não precisamos dizer cousa alguma em abono do seu merecimento. Compõe-se esta Collecção principalmente de Poesias Ineditas, e isso mesmo deixa ver o seu titulo. Colligirãc-se com tudo tambem algumas impressas, mas que já se tem feito raras, as quaes por isso não podémos dispensar-nos de colligir, sem incorreremos em a nota de ingratos á Patria, e aos manes de seus Autores. Por quanto privariamos a estes da gloria que lhes cabe pelos seus trabalhos litterarios, senão os arrancassemos das garras do es-

PREFACIO DO EDITOR.

quecimento que já os hia tomando, e não dariamos áquella o prazer de acolher novamente em seu seio as mais bellas produções dos seus mais mimosos filhos. O Público fará judicioso conceito da nossa escolha, e não deixará de approvar a boa intenção de lhe sermos uteis, fim principal a que nos havemos proposto.

5
AO SENHOR REI

D. JOSÉ I.

O D E.

I.

OS resplendores novos
A filha do Hiperion á terra envia,
E o sol brilhando aos Portuguezes povos
Traz no adornado coche o claro da,
Em que o lustre primeiro.
Se completa, eis quando enchendo os ares
As vozes populares
Clamarse ouvirão pelo Reino inteiro
Real, real, por D. José Primeiro.

II.

Ouvia o nome Augusto
O rico Têjo, o fertil Doiro undoso
O Minho frêsko, o Guadiana adusto,
E o torcido Mondego vagaroso
A noticia levárão
Ao antigo Oceano; e em quanto ouvia,
E os fados presidia,
Os indomitos ventos se calárão,
E as Ninfas pelas grutas o escutárão.

a iv

III.

Sóbe Príncipe digno,
Sóbe ao Throno paterno, e delle ampara
A tua Lusitania; o Ceo benigno
Em ti o seu soccorro lhe prepara;
Se ao som do bravo Noto
Com increspadas ondas o mar geme,
Não póde o grande leme
Regido ser por qualquer nauta indoto,
Mas só por sabio, e pródigo piloto.

IV.

Os pálidos aspectos
Virão tremer a terra, e do alto cumo
Prostrados pelo chão os nobres tetos
Da Cidade abrazada em vivo lume,
Estende a poderosa
Mão á afflicta Lisboa o Rei clemente,
E a face decadente
Levantará do estrago mais formosa,
Qual n'outro tempo a Thebas fabulosa.

V.

Vive da patria tua,
Amado pai, que os Deoses te defendem,
Por ti o reino indigno se destrua
Dos negros monstros que a discordia accenderam
A ignorancia por terra
Se desterre, e se expulse como escrava
Do Solio que occupava.
Tu restaura magnifico, e conserva
Os sagrados altares de Minerva.

VI.

Por ti em varias partes
Se costuma a fortuna a ter propicia
O mercader pelas lucrosas artes,
Que Mercurio ensinou aos de Fenicia:
Com a flórida cabeça
A ti do alto Ceu Asttea torne
Sempre o teu lado adorne,
E claras leis, co' as quaes o Reino cresce
No candido regaço te offereça.

a 5

VII.

Farás cahir por terra
Da mão de Marte a espada que as memórias
Renovar quererá da dura guerra
Nos peitos esquecidos das victorias :
 Tu resiste severo
Ao Hespanhol terrivel que se avança ,
 Nem soffras sem vingança
Que o pé ferrado do cavallo Ibero ,
Trilhe a ceara ao lavrador sincero.

VIII.

Não mais c' o a mão no rosto
Poesia estarás triste, e abatida
Com o solto cabello descomposto,
Quebrado o loiro, e a lyra enrouquecida :
 Olha como contentes
As Tagides mil aras te levantão ,
 E docemente cantão
Da Arcadia os brandos versos innocentes,
Dando lhe assumpto acções tão excellentes.

IX.

E vós Ninfas do Doiro,
Virá tempo em que neste alegre dia
Tambem as crespas longas tranças d'ouro
Orneis da rama que o Parnaso cria:
Mostrareis com espanto
Que o Téjo não he só ás Musas grato,
E n'hum plausivel acto
Canções compondo dignas d'Heroe tanto;
Começará a ouvir-se o vosso canto.

José Basilio da Gama.

O D E.

I.

A Minha Lyra
 Que n'outro tempo
 Heroes cantou,
 Subitamente
 Aglaura bella
 Q som mudou.

II.

De invicto peito
 Cantar pertendo
 Raro valor,
 E a lyra terna
 Da mão ferida
 Só canta Amor.

III.

Mudo lhe as cordas
 Os pontos mudo,
 Mas he peor,
 Pois ao tocalla
 Tenaz repe:e
 Amor Amor.

IV.

De Marte os loiros
Com que algum dia
Tanto se honrou,
Por tenros mirtos
De Citherea
Hoje trocou.

V.

Desta mudança
Em ti a causa.
Devo suppôr,
Pois desde a hora
Que vi teus olhos
Só vejo Amor.

VI.

Deixemos pois
Da brava guerra
O fero horror,
E ó cantemos
As doces iras
Do brando Amor.

Antonio Diniz da Cruz e Silva.

a 7

O D E.

I.

Pelo campo hum dia
Livre de receio
Aglaura tecia
Para ornar o seio
Hum ramo engraçado
Das varias boninas,
Que junção o prado.

II.

Amor, que entre as flores
Brincando voava
Com os mais amores,
E prompto espiava
Da Ninfa o intento
Huma trama lhe urde
Subtil, fraudulento.

III.

Por entre as boninas
Se mette atrevido,
Então escondido
Entre as flores finas
Por pôr-se em seu peito
Astuto se torna
N' hum amor perfeito.

IV.

Ella, que o engano
Não teme, não sente,
No ramo o tyranno
Prendeo innocente,
E no peito posto,
Amor em beijalla
Se seva a seu gosto.

O mesmo.

O D E.

I.

A Mor que fugia
 De Venus formosa,
 Que irada, e raivosa
 Veloz o seguia,
 Contra seu furor
 Assustado buscava favor.

II.

Até que encontrado
 Com Aglaura bella
 Amor corre a ella
 Alento tomando,
 Em seus olhos quiz,
 Mas em vão esconder-se infeliz.

III.

Que a Ninfa esquiva
 O seu cruel fogo
 De bronze a seu rogo
 Deste asylo o priva,
 Os olhos fechou,
 E o triste sem protecção deixou.

IV.

Amor consternado
Em tanta afflicção,
Em meu coração
Se mette apressado,
Mas mal nelle entrou,
Hum voraz fogo nelle atêou.

V.

Em seu vivo ardor
Me sinto abraçar,
Sem remedio achar
Se Aglaura de Amor
Não tem compaixão,
Que esperar deve meu coração.

O mesmo.

O D E.

I.

JA' que o inverno
Do sol que nasce
A rôxa face
 Cobre veloz,
E envolto em nevoas
Aquilão rigidô
Do Polo frigidô
 Ruge feroz.

II.

Bebamos Misis
Deste amathista,
Que he grato á vista,
 E ao paladar
Deixa que môfe
O vulgo estolidô,
Que allivio sólido
 Nelle hasde achar.

III.

Depois que em frasco
 Foi encerrado,
 Já tem passado
 Vindimas dez,
 Contra os furores
 Dos ventos tumidos,
 Dos ares humidos
 He forte arnez.

IV.

Do Luso Bacho
 Patente lança,
 Por terra lança
 O triste humor
 Ao varão serio,
 Jocosos, e lepido,
 Ao fraco, intrepido
 Faz seu furor.

V.

No Lavradio
Foi espremido,
Vinho he subido
 Dos vinhos flôr,
Elle restaura
Forças invalidas,
E ás faces pálidas
 Dá viva côr.

VI.

Se em viva guerra
Marte cançado
Jaz desmaiado,
 Sem força jaz
Para a peieja,
Elle magnanimo
Espirito, e animo.
 Lhe dá audaz.

VII.

Nelle montado
Gentil poeta
Do Pindo á meta
Póde voar,
Que hum vinho puro
Mais que o flamigero
Pegaso aligero
Sabe trotar.

VIII.

Eia bebamos
Misis galante
De tão brilhante
Almo elixir,
E verás logo
O inverno hispido,
Que ronca rispido,
Veloz fugir.

IX

Inda encerrado
Jaz nas rodomas
Olha que aromas
 Lançando está,
No cheiro Misis,
Vence as riquissimas
Drogas finissimas
 De Asia, e Sabá.

X

Ah! bebe, e o dia
Triste, e turvado
Almo, e rosado
 Verás tornar,
Verás Amor,
E as graças floridas
Dos copos roridas
 Junto adejar.

XI.

Ellas dos vóas
 Cheias de gosto
 Ninfa em teu resto
 Repousarão,
 E o Deos tyranno
 De settas gravido,
 Buscará ávido
 Meu co:ação.

O mesmo.

O D. É.

I.

EM os cabellos
 Negras violas
 Tem o meu bem,
 Nas mãos pequenas
 Tem assucenas,
 E lirios tem,
 Flores tão lindas
 Abril não tem,

II.

Em sua boca
Vermelhos cravos
Abrir se vêm,
Purpureas rosas
Tem nas formosas
Faces também,
Flores tão lindas
Abril não tem.

• III.

No niveo seio
Cheio de flores
Brotando vêm,
Branços jasmims
Mil morgarins
Lirios também,
Tão lindas flores
Abril não tem.

IV.

Flores tão frescas,
 Oh quem colhêra,
 Oh Ceos! oh quem!
 Mas mil amores
 Tão frescas flores
 Em guarda tem,
 Quem as colhêra;
 Oh Ceos! oh quem!

O mesmo.

O D E.

I.

A Glaia bella
 Único objecto
 Da minha lyra
 Do meu affecto,
 Eu não cobiço
 Metaes brilhantes,
 Rubins, diamantes,
 Filhos do sol.

II.

Só ver teu rosto,
E quando o vejo
Se ceva em vélo
O meu desejo,
Se vélo brando
A Amor merêço,
Que Atalo, ou Gresso
Mais feliz sou.

III.

Em teu cabelo
Ondado, e loiro
Scintillar vejo
Mil fios de oiro;
Vejo em teus olhos
Vivos, brilhantes
Dos diamantes
A luz brilhar.

IV.

Perolas alvas
Vejo nos dentes,
Rubins nos labios
Resplandecentes
Tanta riqueza
Ah! quando a vejo
De véla pago,
Mais não desejo
Que a possuir.

V.

Põe-me onde a neve
O mar enfrea,
Põe-me onde ferve
C'o sol a arêa,
Esta alma minha
Em toda a parte
Aglaiia bella
Hade adorar-te
Sempre fiel.

VI.

Se qual promettes
Constante me amas,
Verei contente
Gelos e chammas
Alli pulsando,
Meu pelctro terno
De Aglaia o nome
No mundo eterno
Ledo farei.

O mesmo.

O D E.

I.

E U vi a Bacho
Crêde, ó vindoiroz,
Bacho potente,
Que em vez de loiros,
De verdes parras
Tinha a mitrada
Galharda frente
Toda enramada.

II.

Ao som da lyra
Brincão cantava,
E de Silenos
O rodeava
Festiva tropa,
Que na harmonia
Toda embebida
Suspensa o ouvia.

III.

Do vinho as graças
Em livre canto
Elle exaltava,
E a turba em tanto
De quando em quando
As mãos batia,
E a cada pausa
Bravo dizia.

IV.

Por longo espaço
C'os seus accents
Deteve os raios,
Prendeo os ventos,
Até que pondo
Ao conto fim
Ledo, e risonho
Me falla assim.

V.

De amor a quem
Tanto cantaste,
Ah! dize Elpino
O que tiraste?
Que tens de Marte
Tambem tirado,
Que em seus alumnos
Tens exakado.

VI.

De Marte deixa,
E de Amor a ira.
Toma ligeiro
Toma esta lyra;
Lyra que a furia
Dos leões quebranta,
Que amansa os tigres,
E a mim só canta.

VII.

Ah! canta Elpino,
Que ao beneficio
Teu serei grato,
Farei propicio
Que as tuas vides
Sempre floreação,
Que opprimos cachos
Sobre ellas creção.

VIII.

Se eu não possuo
Campos, ou vinhas
Como crer devo,
Que vides minhas
Então lhe torno
Ferteis florecção,
E de almos cachos
Gravidas creção.

IX.

Em breve Elpino
Elle replica
De Alceste a mão
Potente, e sica
De largos campos
Far-te-ha senhor,
Desta promessa
Sou fiador.

K.

Então a lyra
 Tomando ousado
 A ti, e a lacho,
 Alceste amado,
 Nesta esperança
 Canto contente
 Em ti espero,
 Que o Deos não mente.

O mesmo.

O D E.

I.

EM meu aluergue
 Não ha de prata
 Copas que ornou
 Destro buril,
 Nem de Alemanha
 Finos cristaes,
 Que esmaltou de oiro
 Pincel subtil.

b 4

II.

Não ha do Rheno
O branco çumo,
Que o voraz luxu
Embotelhou,
Nem o que avaro
Lá em Constança
Nos limpos tanques
Belga pizou.

III.

Mas ha o vinho,
Que em seus lagares
O Lavradio
Ledo espremeu,
Ha sobre tudo
Para servir-te
Lizio o sincero
Animo meu.

IV.

Por limpos copos
De vulgar vidro,
Que por vil preço
Callipe dá,
Bebello pódes,
Meu caro Lisio,
Que elle chamando
Por ti está.

V.

A Horacio lendo,
E Anacreonte
O beberemos
Em doce paz
Vem, e com elle
Lizio, e comigo
A' bella Aglaia
O brindarás.

O mesmo.

O D E.

I.

Ricas baixelas
 De altos Heroes
 Todas lavradas
 Ou porcelanas
 De oiro esmaltadas,
 Eu não invejo
 Pouco me satisfaz, pouco desejo.

II.

Modesta meza
 Sem arte ornada,
 De sãos guizados
 Sem os estranhos
 Vinhos comprados
 Por alto preço
 Sómente rogo ao Ceo, só apeteço.

III.

Se estes meus votos
 Puros humildes
 Elle cumprira
 Do rico Alcippo
 Com desdem vira
 A lauta meza,
 Onde entre o luxo vão mora a tristeza.

IV.

Em torno della
 Comtigo Aglaia
 Em paz sentado
 De Carcavellos
 O celebrado
 Vinho gostára,
 E aos teus olhos gentis ledo brindára.

V.

Amor comigo
Comtigo as graças
Os frugaes pratos
Nos tornarião,
Inda mais gratos
Mais saborosos
Os brindes alternamos gostosos.

VI.

Então de Teios
Ao vate a lyra
Eu pediria,
As tuas graças
Descantaria ;
Bacho, e os Amores
A tecer me ajudarão teus louvores.

VII.

Em paz serena
 Alegres horas
 Então passáras ;
 A crua morte
 Não receára
 Ver escondida
 Entre o fausto de esplendida comida.
O mesmo.

O D E.

I.

JA' a neve a calva fronte
 Desampara
 Do alto monte ;
 E a ribeira corre clara ;
 Que pouco antes enlodada
 Espumosa
 Furiosa
 Fervia
 Corria
 Pelo campo arrebatada.

II.

Já a Aurora no Oriente
 Raia pura,
 E refulgente,
 Sem que a grossa nuvem escura
 Entre sombras pavorosas
 A luz clara
 Cubra avara,
 E as aves
 Suaves
 A festejão harmoniosas.

III.

Já cantando ao pasto usado
 Os pastores
 O seu gado
 Vão levando que entre as flores
 Ora pasce, ora se espalha
 Pela selva,
 E na relva
 Saltando
 Brincando
 As boninas enxovalha.

IV.

De fragantes flores finas
 A verdura
 Das campinas
 Se matiza, e na espessura
 Altas arvores, que o vento
 Desfolhárão,
 Estroncárão
 Brotando,
 Lançando
 Ramos, folhas vão aos centos.

V.

Torna Abril, e a terra toda
 De alegria
 Se enche em roda,
 Só eu fico em agonia
 Pois sem ver gentil Neéra
 Teu semblante,
 Porque amante
 Suspiro
 Deliro.
 Nasce em vão a Primavera.
O mesmo.

O D E.

I.

Que não sou o vento brando ,
 Que o cabello
 De licores encrespando
 Brandamente o rosto bello
 Alvo collo , e as mãos lhe toca ,
 E o coral da linda boca.

II.

Que não sou a fresca rama ,
 Que zelosa
 Quando o sol a terra inflamma
 Com a sombra deleitosa ,
 Que na verde grama estende
 De seus raios a defende.

III.

Que não sou a flor graciosa ;
 Que ella colhe
 Na manhã fresca , e saudosa
 Pelos prados , e a recolhe
 Em seu seio cristallino ,
 Onde brinca o Deos menino.

IV.

Que não sou a verde relva
 Que ella piza ,
 Quando airoza pela selva
 Segue as feras , e matiza
 De seu sangue as varias flores
 Rodeada dos Amores.

V.

Ou o rio cristallino
 Onde banha
 O seu rosto peregrino ,
 Quando desce da montanha
 No calor da sésta' ardente
 A buscar sua corrente.

VI.

Feliz rama aura serena ,
 Flor graciosa ,
 Verde relva , fonte amena ,
 Vós a luz pura e formosa
 De seu rosto ficais vendo ,
 E eu me you de amor morrendo.

VII.

Quando a virdes por piedade
De meus males

Lhe contai minha saudade ,
Sim dizei lhe vós, ó vales,
Que a morrer leva o destino
Deste campo o seu Elpino.

. *O mesmo.*

O D E.

I.

HUma pomba mais que a neve
Branca, e bella rodeava
A aurea lyra, que eu tocava,
E cruzando sóta, e leve
Huma, e outra vez o vento
C'o biquinho do instrumento
Mança as cordas me feria
Com suavissima harmonia.

II.

Eu ao vèlla tão mansinha
 De huma vez a mão estendo,
 E ao fugir veloz a prendo:
 Da gentil branca pombinha,
 Ter cassado satisfeito
 Dentro a metto no meu peito;
 Mas ai triste de repente
 Se tornou n'uma serpente.

III.

A farpada cauda então
 Me ferrou no esquerdo lado,
 E dalli tem derramado
 Seu veneno ao coração;
 Era; Aglaura, Amor tyranno
 Que tramou tão feio engano,
 Para que eu ardesse vivo,
 Porém tu foste o motivo.

O mesmo.

O D E.

I.

Essa linda borboleta
 De cem côres esmaltada,
 Que em mil gyros inquieta
 Destas roças namorada,
 Ora as cêrca, ora as bafeja,
 Ora as piza, morde, ou beija.

II.

He hum vivo, e bello emblema
 Do que sinto anado emptego
 Sim, ó Clori, eu to declaro,
 Borboleta sem socego
 He meu terno coração
 Os teus labios rosas são.

O mesmo.

O D E.

I.

O Utro cante embora ufano
 O destroço, ou as victorias
 Do fanatico Ottomano,
 Que eu á vista deste frasco
 Deste são, puro, elixir
 Nada curo do Vizir.

II.

Ou as aguias generosas,
 Ou as caudas do cavallo
 Sejam, ou não victoriosas
 Isso a mim nada me toca,
 Só me toca esta ambrosia
 Viva fonte da alegria.

III.

Doce vinho, que no Porto
 Doces uvas espremêrão,
 Doce vinho em quem conforto
 De prazeres, e de graças
 Hum thesouro achar espero
 De ti só cantar eu quero.

IV.

Se feroz do polo aigente
 Noto sahe alinevoso,
 E nos corta cruelmente
 Mãos, e faces engelhadas:
 Tu hes só quem na tormenta
 Lhe resiste, e nos aquenta.

V.

Se da noite tenebrosa
 A tristeza afflicta filha
 Nos ataca, e furiosa
 Nos abate, e atribula,
 Tu com tua valentia,
 Tu nos mostras a alegria.

VI.

Cante pois outro severo
 Em tom alto, e magestoso
 O furor de Marte fero,
 Que eu ao som da Archiva lyra
 Cantarei suavemente
 Teu valor ignipotente.

O. mesma.

O D E.

I.

Casta rola , que rolando
 Nesse freixo aos Ceos subido
 O parceiro teu querido
 Tristemente estás chamando ,
 O innocente teu parceiro ,
 Que empolgou Asor ligeiro.

II.

Ah comigo , casta rola ,
 Essa dor , que te maltrata ,
 A saudade que te mata
 Por hum pouco sim consola ,
 Pois os males allivia
 Ter nos males companhia.

III.

O tyranno , injusto fado
 Contra nós igual conspira ,
 Contra nós igual em ira
 Seu furor se tem mostrado ,
 O parceiro teu tirou ,
 E Nerina me roubou.

IV.

Do destino deshumano
Nesse ramo em vão te queixas,
Eu tambem formo em vão queixas
Dô destino meu tyranno,
Ah! que á nossa infausta sorte
Só porá limite a morte.

V.

Mas em tanto tu comigo
A tyranna dôr modera,
Que eu tambem a pena féra
Consolar quero contigo,
Pois os males allivia
Ter nos males companhia.

O mesmo.

O D E.

I.

DE suór todo banhado
Anhelante, e espavorido
De Amathunta entra Cupido
No alcaçar venerado,
E a formosa mão ao véllô
Corre afflicta a recebello.

II.

Em seu collo o toma anciosa,
Nelle o abraça ternamente,
E de algum grave accidente
Lhe pergunta receosa,
» Meu Amor, meu filho amado,
» De que vens tão assustado? »

III.

» A huma pomba que cortava,
» Amor diz, ligeira o ar
» Para Venus te offertar
» Lá no bosque a rede armava,
» Quando a mim da mata espessa
» Cervál lobo se arremessa.

IV.

- » De temor então cortado
- » Largo a rede sobre a relva,
- » E por entre a vasta selva
- » A fugir entro apressado,
- » Mas a fêra carniceira
- » Apôz mim corre ligeira.

V.

- » Tão feroz, e com tal ancia
- » A cruel me perseguia,
- » Que sem forças já me via,
- » E a não ser breve a distancia
- » Sem valer-me a ligeireza
- » De seus dentes fôra preza.

VI.

- » Porque as setas não vibraste
- » Filho meu para rendella?
- » Não as tinha Venus bella.
- » Pois ai triste, onde as deixaste?
- » Da gentil Marilia ao véllos
- » As deixei nos olhos bellos.

O mesmo.

O D E.

I.

DE meu triste cuidado
Na triste companhia
Passeava o outio dia
Por hum ameno prado,
Quando a meus pensamentos
Interrompem a fio
Huns lugubres lamentos,
Que de hum bosque sombrio
Tão sentidos sahirão,
Que a alma me ferirão.

II.

De compaixão tocado
Ao mato espesso corro
Por ver se algum socorro
Dar posso ao lastimado,
E pouco andado havia,
Quando vejo hum menino,
Que junto á margem fria
De hum rio crystallino
As aguas lhe augmentava
C'o pranto que exalava.

III.

Delle pégo piedoso,
 E o levanto a meu côlo,
 Nelle o beijo, e consólo,
 E o seu rosto mimoso.
 Ao rosto meu ajunto:
 Quem he, e o que fazia
 Tão cheio de agonia,
 E tão só lhe pergunto,
 Naquellas brenhas féras
 Covil de brutas féras.

IV.

Amor sou, respondeo,
 » Amor a quem desterra
 » A tão distante terra
 » O cruel destino seu,
 » O meu genio imprudente
 » Ligeiro, e revoltoso
 » Entre esta inculta gente
 » Me conduzio vaidoso
 » Triunfar della esperava,
 » Mas quanto me enganava!

V.

- » Entre os homens procuro
- » Apenas aqui chego,
- » Protecção, ou emprego
- » Em vão de os servir juro,
- » Em tudo obediente,
- » Que em nenhum acho abrigo
- » De meu braço potente
- » A força então lhe digo,
- » Que a Amor tudo obedece,
- » Mas nenhum me conhece.

VI.

- » Em fim desenganado
- » De achar nelles soccorro,
- » Entre as mulheres corro
- » A pedir gasalhado,
- » Pois por mais experiencia
- » Achei que a natureza
- » De ternura, e clemencia
- » Dotou sempre a belleza,
- » Mas nesta estranha terra
- » Quem assim pensar erra.

VII.

- » Ellas que assim me vião
- » Tão nú, e tão despido,
- » Que excellente vestido!
- » Por mófa me dizião:
- » Da apparencia que encobre
- » As mesmas enganadas
- » Julgavão-me por pobre,
- » E contra o pobre iradas,
- » Fóra pobre clamavão,
- » E as portas me fechavão.

VIII.

- » Vendo-me sem piedade
- » De todos espaneado,
- » Corrido, e envergonhado
- » Fujo da cruel cidade,
- » Minha triste ventura
- » Chóro aqui escondido,
- » De minha vã loucura;
- » Mas tarde arrependido,
- » Eis porque tão sósinho
- » Me vês, e me amesquinho.

IX.

De tanto desamparo
Eu então condoido.
Lhe offereço enternecido
Em meu alvergue amparo.
Amor o aceita grato,
E eu pela mão o trago,
E movido do affago
Dos mimos com que o trato
Me jura, ó Lilia impia,
Punir tua tyrannia.

O mesmo.

O D E.

I.

DA'-me Aglaura essa poncheira
D'oiro, e flores esmaltada,
Que na China celebrada
Destra mão pintou ligeira,
Dá-me o frasco refulgente,
Onde qual topazio brilha
Do Brazil pura agua ardente
De aureas canas, aurea filha.

II.

Não te esqueça o refinado
 Tenro assucar mais selecto,
 Que o mel de Híbla, que o de Himeto
 Dos Poetas tão gabado,
 Nem também a fruta bella
 Agra sim, mas doce, e grata,
 Que da tímida donzella
 Os gentis peitos retrata.

III.

Traze agua, e quente seja;
 E se o inverno desabrido
 De crueis tufões seguido
 Solto ronca, e se esbraveja,
 O bom ponche aqui façamos,
 O bom ponche que despreza,
 Quando Noto estala os ramos
 De seus bafos a crueza.

42

IV.

Em brilhantes limpas taças
Aqui ambos o bebamos,
E do inverno escarneçamos
O furor, e as ameaças
Coroados de hera, e flores
Tu de amor doces emprezas,
E eu de Bacho entre os furores
Cantarei suas proezas.

O mesmo.

O D E.

I.

JA' do sol o raio ardente
As campinas abraçando
As boninas vai crestando,
E as ervinhas juntamente
De que Flora matizados
Tinha os montes, tinha os prados.

II.

As ribeiras, que engrossadas
Pelas chuvas crystallinas
Alagavão as campinas
A seus leitos já tornadas,
O furor com que correrão
Com as aguas já perderão.

III.

E os curvados segadores
Em suor todos banhados
Vão cortando os trigos grados,
Que esmaltados de mil flores
Pouco havia verdejavão,
E prazer aos olhos davão.

IV.

Lilia minha, Lilia bella,
De meus olhos doce encanto
Em quanto arde o sol, e em quanto
Do celeste céu a estrella,
Deste bosque á sombra fria
Passaremos ledos o dia.

V.

Eu de murta mil capellas
 Tecerei, e tu de loiro
 Eu as ricas tranças d'oiro
 Te ornarei, Lilia, com ellas,
 Tu com ellas juntamente
 Me ornarás, meu bem, a frente.

VI.

Eu tocando a branda lyra,
 Tu soltando a voz sonora,
 Quando raia a róxa Aurora,
 Quando o dia se reira
 Nosso amor celebraremos,
 Nosso amor feliz faremos.

VII.

Destramente entrelaçados
 O meu nome, e o nome teu
 Crescerão ao alto Ceo
 Nestes al'mos entalhados
 Crescerão nossos amores,
 Doce exemplo aos amadores.

O mesmo.

O D E.

I.

A Urea lyra , lyra amada ,
 Deixa em paz altos lojreiros ,
 Com que a fama dos guerreiros
 Já coroaste desvelada ,
 Tenros mirtos pede agora
 Ao suave Anacreonte ,
 Com que ornar possas a fronte
 De Néera encantadora.

II.

Se em brilhante companhia
 Ella luz , ellá apparece ,
 Qual o sol quando amanhece
 Enche tudo de alegria ,
 As mais Ninfas bem que bellas
 Fazem campo aos seus primores
 Como a rosa ás demais flores ,
 Como a Lua ás mais estrellas.

III.

Se ella os passos com destreza
 Move ao som de aureo instrumento
 Sobre as azas pára o vento
 Só por ver lhe a ligeireza
 Se em acentos mil suaves
 Solta a voz ao doce canto
 Emmudecem com espanto
 Por ouvilla as tenras aves.

IV.

Tem na boca quando falla
 Tal doçura, tal agrado
 Que o mel de Hibla tão prezado
 De suave a não iguala
 As tres Graças quando a virão
 Por morada a procurarão,
 E depois que alli entrárão
 Nunca mais dalli sahirão.

Falle em fim, ou baile, ou canto,
 Qual a Deosa da Citára
 Dos que a vêm nos peitos gera
 Mil amores n'hum instante,
 Eia pois; ó lyra de oiro,
 Tenros mirtos procuremos,
 E com elles lhe enastremos
 O cabello ondado, e loito.

O mesmo.

O D E.

L.

BOrboleta que innocente
 As sutis azas soltando,
 Em mil giros vai cercando
 Dessa véla a luz ardente,
 Que' a procuras enganada
 De seus raios namorada.

II.

De teus vóos a carreira
Ah! suspende, dessa sorte
A buscar a propria morte
Ah! não vóes tão ligeira,
Que essa luz que te namora
Consumir-te hade traidora.

III.

O teu fim tua desgraça
Evitar quero, e desejo,
Mas ai louco que não vejo
Que por mim o mesmo passa,
Que a buscar corre sem tino
Outro ao teu igual destino.

IV.

Pois de Aglaura Aglaura bella
A minha alma namorada
Bate as azas, e encantada
De mim foge, e corre a vella,
Sem olhar que a Ninfa ingrata
Só de minha morte trata.

V.

Alma minha, que encantada
No brilhar dos olhos bellos
Tão veloz corres a véllos,
E me deixas enganada,
Alma minha, toma exemplo
Nesse insecto que contemplo.

VI.

Cerra as azas, que atrevida
Della em torno vás batendo
Se nas luzes que estás vendo
Consumir não quéz a vida,
Qual a simples borboleta
Em a luz que a cerca inquieta.

O mesmo.

O D E.

I.

JA' pelo verde prado
De cachos corôado
Levanta a turva fronte
O outono desejado,
E abranda docemente
O calor da terra ardente.

II.

As vinhas resplandecem
Das uvas matizadas,
Que aos olhos offerecem
Mil côres engraçadas,
E os tímidos cultores
A Bacho dão louvôres.

III.

Hum de todo afumado
Os cestos dependura,
Outro o ferro embotado
Afia na pedra dura,
Outro os toneis limpando
Em roda os vai raspando.

IV.

Entre as vinhas contente
 Os cachos decepando,
 Ferve a rustica gente
 Em chusmas decantando,
 Faz com som harmonioso
 O trabalho gostoso.

V.

Seguindo o lento guia
 Das tinas carregado
 C' o pezo o carro chia
 Dos tardos bois puchado,
 Deixando nas estradas
 As rodas, assinaladas.

VI.

Nos choirosos lagares
 Da celeuma o alarido
 Se espalha pelos ares,
 E o éco repetido
 Enchendo de alegria
 A rude companhia.

VII.

Alli agreste gente
 Os vasos coroando
 Ao ar pula contente,
 Os faunos imitando
 Alli dansa Licoris,
 Qual a Mãi dos amores.

VIII.

Na cava, e cheia pipa
 As uvas vai ligeiro
 Banhado de alegria
 Pizando o lagareiro,
 E ao bater da agul planta
 De Bacho as glorias canta.

IX.

Aqui sorvendo a escuma;
 Que fermentando em torno
 O licôr que já sumo
 Na grande, e cheia dorna
 Tinge hum de negro mosto
 O secco adusto rosto.

X.

Alli outro da mão
 Pichel faz, e contente
 N' hum velho cangerão
 Bebe outro o çumo quente,
 Outro correndo em torno
 A boca applica ao torno.

XI.

Os jogos innocentes
 No vinho remolhando,
 As azas esplendentes
 Aqui andão voando,
 A quem seguem ligeiros
 Os rizos prazenteiros.

XII.

Aqui, Tirce, te chega
 Tristes, e vãos cuidados
 Aos ventos os entrega,
 Aos ventos denodados,
 Que os levarão n'um ponto
 Além do negro Ponto.

XIII.

Aqui curvando a fronte
 Teu brando plectro fira
 Do terno Anacreonte
 A delicada lira
 Aqui Amor cantemos,
 Aqui Bacho exaltemos.

O mesmo.

O D E.

I.

O Lira das graças amiga,
 De Bacho, e de Venus alumna,
 Que zombas do tempo, e fortuna
 Da ambição, e do fausto inimiga,
 Que em feliz ocio innocente
 Pobre yives, mas contente.

II.

As doiradas cordas afina,
 Cantemos de Aglaura a belleza,
 Aglaura em quem a natureza
 Ajuntou suave, e benigna
 Graça, alinho, e formosura
 Aos encantos da doçura.

III.

Em seus negros olhos formarão
 Amores travessos morada,
 E por sua boca engraçada
 Os Rizos as Graças buscarão
 De Abril nas faces formosas
 Lhe florecem vivas rosas.

IV.

Seu cabello do ebano excede
 A fechada cõr tão lustrosa,
 Nella faz Amor que gostosa
 Huma alma se prenda; e se enrede
 Que alli preza, e cativa
 Da prisão vaidosa viva.

V.

A neve dos Alpes gellados
 O collo lhe fórma, e garganta;
 E os peitos que tem graça tanta
 São da mesma neve formados,
 Olhos que vèlla merecem
 De mais ver alli se esquecem.

VI.

De alabastro, ou marfim burnido
 Torneou natureza seus braços
 Para serem gostosos laços
 De hum mortal de Amor escolhido,
 Oxalá que elle quizera
 Que esta sorte me coubera.

VII.

Se seguindo o suave instrumento
 Solta a voz suave, e sonora
 Como serêa encantadora
 As almas prende, prende o vento,
 Circe tão áctivo encanto
 Nunca teve qual seu canto.

VIII.

Cantemos pois candida lira
 A sua immortal formosura,
 E da acorde voz a doçura
 Cantemos pois candida lira,
 Rasgue eterno em seus acentos
 O seu nome os leves ventos.

O mesmo.

O D E.

I.

DA-me o frasco, e dá-me a lira,
 Que beber, e cantar quero,
 O' bellissima Nigella,
 Não de Marte acezo em ira
 O estrago horrendo, e fero;
 Cantarei de Aglaia bella,
 Beberei em seu louvor
 De Theonio o bom licór.

II.

Cantarei do gentil rosto
 A suave formosura,
 Cantarei que a natureza
 Liberal nelle tem posto
 Lirios, rosas, neve pura
 Para idéa da belleza:
 Beberei em seu louvor
 Deste copo o bom licôr.

III.

Cantarei de seu cabelo
 Longo, fino, crespo, e loiro,
 Que já prezo, e solto ao vento
 Faz que seja menos bello
 Menos rico o fino oiro:
 Beberei do bom licôr
 Outro copo em seu louvor.

IV.

De seus olhos triunfadores
 Cantarei que o sol doado,
 Quando as luzes lhe admira
 Os brilhantes resplandores
 A esconder corre apressado
 Com vergonha, e cheio de ira:
 Beberei do bom licôr
 Outro copo em seu louvor.

V.

Da vermelha linda boca,
 Onde as graças tem morada
 Contarei que hum só sorriso
 Dos que a vêm a alma colloca,
 Em prazeres encantada
 N' hum ceeste paraíso:
 Beberei do bom licôr
 Outro copo em seu louvor.

VI.

Da columna crystallina,
Onde tanta formosura
Se sustenta, e se levanta
Cantarei que a neve Alpina
Leva a palma na candura,
O' bellissima garganta:
Beberei do bom licór
Outro copo em seu louvor.

VII.

Que direi do gentil seio,
Onde o ninho, Amor, tens feitó,
Donde feres, e onde enlaças,
Mas cantar delle receio
Tu Amor do branco peito;
Tu que as sabes conta as graças:
Beberei do bom licór
Outro copo em seu louvor.

VIII.

Do que esconde a sua Hollanda,
 E por fé humilde adoro
 Eu cantára se pudera,
 Mas Amor calar-me manda,
 Pois mysterios são que ignora,
 Venturoso se os soubera:
 Beberei do bom licôr
 Outro copo em seu louvor.

O mesmo.

O D E.

I.

JA' batendo a rôxa Aurora
 De oiro as redeas scintillantes
 Aos cavallos estelantes
 Veloz sahe do Ganges fóra,
 E guiando o navo dia
 Enche a terra de alegria

II.

De rubins a fronte ornada,
 E o regaço de alvas flores
 Piza as nuvens de mil côres
 De subtis auras cercada,
 E de lirios, sobre os montes,
 E de luz os horizontes.

III.

Tão ditoso e alegre dia
 Branda lira decantemos,
 Doces hymnos lhe cantemos
 Doces hymnos de alegria,
 Pois de Aglaia Aglaia bella
 Nasceo nelle a nova estrella.

IV.

Já rompendo o leve vento
 Coroados de aureas flores
 Se derramão os Amores
 Pelos ares cento e cento,
 Que mil circulos formando
 Seu alvergue andão cercando.

Y.

De Erecina o filho amado,
Que o lustroso esquadrão guia,
Vibra o arco de harmonia
Não de dura satta armado,
E tocando aureo instrumento
Desta sorte prenda o vento.

VI.

Bella, e fresca em prado ameno
He a rosa nacarada
De oiro, e purpura esmaltada,
Qual estrella em Ceo sereno,
Mas mais frescas, mais formosas
De teu rosto são as rosas.

VII.

Bella rompe, e bella brilha
Da borrasca entre os horrores
Com o manto de mil côres
De Thaumante a gentil filha,
Mas mais bella tu serenas
De hum amante-peito as penas.

VIII.

A tormenta embravecida
 Ella applaca alegremente,
 Ella traz do sol luzente
 A luz clara, e apetedida,
 Mas tu trazes no semblante
 Outro sol que he mais brilhante.

IX.

Deixa pois Aglaia bella,
 Que he já tempo, o leito brando,
 Venhão teus olhos raiando,
 Qual da Aurora vêm a estrella,
 Faça o rosto teu formoso
 Este dia mais ditoso.

Vêm Aglaia, vem contente,
 Com teu rosto peregrino
 Alegra o triste Elpino,
 Que te aguarda impaciente,
 Que este dia na aurea lira
 A fazer eterno aspira.

O mesmo.

O D E.

I.

JA' vêm a primavera
Os prados matizando
De verde murta, e de hera
As selvas coroando,
E as aves entre as flores
Renovão docemente os seus amores.

II.

Venus em companhia
De mil Ninfas formosas
Pela selva sombria
Colhe liriós, e rosas,
Com que os longos cabellos
Destramente ennastrando faz mais bellos.

III.

Os risos, a alegria
 Os brincos a acompanhão,
 E sobre a fonte fria
 Voando as azas banhão,
 E logo sacudindo
 De branco otvalho a Deosa vão cobrindo.

IV.

Hum delles ao parceiro
 Dentro nas aguas lança,
 Que voando ligeiro
 Delle vai tomar vingança
 Este de astucia cheio
 Da brapca Deosa foge ao branco seio.

V.

Mil em torno adejando
 Das Ninfas peregrinas
 Sobre ellas vão lançando
 Em chusma as boninas,
 As faces hum lhe toca,
 E q. mais descomedido a linda boca.

VI.

Amor alegre vò
 Em repetidos giros
 Ferido o vento sò
 Dos amorosos tiros,
 Ardem em vivas fragoas
 O bosque, o ar, as flores, Ninfas, agoas.

VII.

Zefyro suspirando
 A linda Cloris chama,
 Que travessa occultando
 Se vai por entre a rama,
 Mas ao vèllo impaciente
 Entre seus braços corre velozmente.

VIII.

Os Faunos namorados
 Vão as Ninfas seguindo,
 Que contra seus agrados
 Brandas iras fingindo
 Se mettem de ardilosas
 Da selva pelas matas matai frondosas.

IX.

A doce liberdade
Do campo a festa ufana
A triste seriedade
Dos pazes tyranna,
Que lva em companhia
A pezala, e cruel melancolia.

X.

O campo pois, á Cloe,
Solicitos busquemos,
Antes que o tempo võe
Do tempo nos gozemos,
Que huma parte da vida
Aos brincos, aos amores he devida.

XI.

Dos alamos frondosos
A' sombra reclinados,
Façamos venturosos
Nossos doces cuidados,
Antes que a idade breve
Nos roube os gostos, e os prazeres leve.

O mesmo,

d 6.

EPIGRAMMA.

O Uvio do Rei dos Reis a vez sagrada
 Da Lusa Monarquia o Rei primeiro,
 E a rudes golpes da tremenda espada
 Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro,
 Alta promessa, pelo Nume dada,
 Manterá Portugal feliz, e inteiro;
 Marchai á guerra, á gloria, illustre gente,
 Hum Deos vos chama sua, hum Deos não
 mente.

EPIGRAMMA.

O DOUTO MEDICO.

MAl vem a febre de furor armada
Lavra dos botafogos no edificio
Labareda ateadada

Eis corre a Natureza ao prompto officio,
Arca por arca luta c'o a agressora;

E a gente espectadora

Buscando quem desmanche a agrapendencia,
Traz hum cégo que ornou o Medico lauro.

Este o bordão vareja de Epidaurro,
De pancadãs de cégo faz sciencia;

Se aleija a febre, o enfermo tem saude,
Se a Natureza, aprestem-lhe ataúda.

Francisco Manoel do Nascimento.

O A D E

I.

O Utros cantem as bellicas fadigas
Dos vossos immortaes progenitores,
E as victorias antigas
De que são testemunhas
As serpes de oiro, e as aguladas unhas.

II.

Que eu das vossas empresas
Direi alto Senhor a menor parte,
E quero ao som da lira
Ajuntar mais hum êcco á vossa gloria
Sem abrir os annaes da antiga Historia.

III.

Africa inculta, e feia
Que estende a varias partes
Fertil de monstros a deserta arêa,
Illustrada por vós de novos lumes
Aprendeo menos asperos costumes.

IV.

Nós vemos restaurado o lizimento
Da tropa militar, as Ilhas gemem
Co' pezo de seguros edificios,
Que encerrão no Oceano
Todos os raios que forjou Vulcano.

V.

Admira o caminhante
Nos lugares vizinhos
Os vistosos caminhos,
Os jardins odoriferos, e bellos,
E os montes coroados de castellos.

VI.

Se inimigos insultos não tememos,
A vós he que se deve a segurança,
Vós fazeis sem tardança
Que as sebas nos maritimos lugares
Despido dos montes a povesse os mares.

VII.

O robusto madeiro,
 Que nasceo nestes climas quasi eterno
 Vai ver nos mares o primeiro inverno,
 E abrindo as vélas brancas, e redondas
 Passa a ser novo habitador das ondas.

VIII:

Não mais a antiga idade
 Célebre a não guerreira,
 Que se atrevo primeira
 Procurando diversos horizontes
 Perdeo de vista os montes.

IX.

En vi que o Deos Neptuno se apatella
 A sustentar nos hombros
 O edificio nadante, que adornado
 De pintadas madeiras peregrinas
 Affronta o mar c'o as Lusitanas Quinas.

X.

A augusta sombra do famoso Tio,
Que no meio de tanta invicta tropa
Deo as pazes á Europa
Ao ver nas vossas mãos todo o governo
Fica vaidosa no descanso eterno.

XI.

O vosso illustre Irmão ao pé do throno
Na soberba Lisboa
Atlante da Corôa
Nas suas mãos encerra
O arbitrio dos estranhos, e da guerra.

XII.

Mas vós tendes mais gloria
Pois quizestes pelo mar profundo
Dar leis a hum novo mundo
Em tão remoto Emisferio,
Alma Real, dignissima de Imperio.

José Basilio da Gama.

O D E. (r)

I.

I Nexperto menino os molles annos
Icãro apenas a contar chegava,
Quando o Pai se esforçava,
Artifice infeliz de mórtaes damnos,
A tecer-lhe na cera a debil penna
Dando-lhe as azas de que usar lhe ordena.

II.

Pelos espaços da região vasia
Dirige o tenro moço o vôo incerto,
E já das chammas perto
Se derrete a materia que prendia
As delicadas pennas d' huma em huma;
Cabe, e se afoga na encrespada espuma.

(r) Aos annos da Illustrissima e Excellen-
tissima Senhora D. Maria José Ferreira d' Essa
e Borbon.

U.

Immortal o padrão do atrevimento
 Aos vindouros ficou ; sim esta ha sido
 Do orgulho concebido
 A memoria que resta ao pensamento ;
 Mas eu que a triste historia á idéa trago
 Como o exemplo desprezo , e busco o estrago

IV.

Destro Mentor meus passos encaminha
 Ao Bolo excelso da attenção mais alta ,
 A experiencia falta
 Se não falta o conselho á Musa minha ;
 Ah ! como eu devo recear que tome
 A patria terra de meu caso o nome

V.

Mas se a empreza ha tão digna que de gloria
 Póde servir-me o mesmo precipicio ,
 Eu farei sacrificio
 Da tragedia igualmente e da victoria ,
 Quero cantar d' huma Heroína os annos ,
 Cantar quero os seus dotes soberanos

VI.

Direi que da memoria as castas filhas
 Emulas deste dia no cortejo
 Desde a margem do Téjo
 Vem tributar-lhe as raras maravilhas
 De seus ferteis cristaes, de seu thesoiro
 Risonhas sacudindo as tranças d'ouro.

VII.

Que as Driades formosas, e as Napeas
 Dando-se as mãos em lisongeiro agrado,
 Vão pelo verde prado
 Divididas de gosto em mil idéas
 Colhendo os golvos, os jasmims, as rosas,
 De que grinaldas lhe tração mimosas.

VIII.

Direi que na feliz doce lembrança
 De tão alegre suspirada Aurora
 Pude ver alguma hora
 Respirar toda a paz, e toda a esperança
 Do Reino Luso enchendo os seus projectos
 Na serie Augusta dos vindouros Netos.

IX.

Sim Noronhas invictos, sim Mênêzes,
Este dia nos trouxe o fausto auspicio.

O horoscopo propicio
Nos fez ver os escudos, e os arnezes,
Que das vossas virtudes dando abono
Nos seguravão sobre o Téjo o throno.

X.

Com providencia o Ceo creado havia
De troncos taes hum ramo florecente,

Eu o tenho presente
Ao lado da suavissima Maria
O que bem neste laço eu imagino,
Que mais que a eleição pôde o destino.

XI.

Se Maria do Sol não visse a face,
Quem de Rodrigo o coração prendêra,
E quem a merecêra?

Sim Rodrigo no mundo tambem nasce,
Prevenio, eu o vejo, cuidadoso
A tal Esposa o Ceo tão grande Esposo.

XII.

Amor miseró amor, eu sei que hum dia
 Colhendo flores pelo prado andavas,
 Humma rosa tiravas,
 Quando humma abelha o dedo te mordia,
 Choraste então, e te queixaste afflicto,
 Ouvio-te a Mãi, e consolou teu grito.

XIII.

Ah! não sabias tu que aquella fera
 De ordem de Vento viajava as rosas,
 Estas flores mimosas
 Não são dá para ti a primavera
 Sente, e lamenta amor chora os teus danos,
 Devem-se as rosas de Maria aos annos.

XIV.

Contenta-te dos leiros que roubaste,
Já que a formosa Mãe na selva Ida
De vencer se gloria
Este triunfo a tuas glorias basta
Quanto infeliz tu fôras se Maria
Concorresse das Deusas na porfia.

XV.

Contenta-te de que inda geme o Xanto
Da roubada belleza o triste caso,
E que o Pergamo raso
Deve-te ás Phrygias Mães tão termo pranto,
Contenta-te de ver ao carro prezo
Heitor dos Gregos infeliz desprezo.

XVI.

Contenta-te . . . mas onde me arrebatô ,
 Da grande empreza o meu valor desista
 Esmorece-se a vista
 Treme , e vacila o pé destino ingrato
 Inutilmente de calcar presume
 A debil planta do Parnaso o cume.

XVII.

Se em molles palhas a bater começa
 Curtas azas o leve passarinho
 Não se aparta do ninho ,
 Té que as pennas se encrespem, se endureção,
 Tempo virá se elle a voar se ensaia ,
 Que suba aos cedros , e á copada faia.

Claudio Manoel da Costa.

QUITUBIA**P O E M A****P O R****JOSE' BASILIO DA GAMA.****[*Faccia pompa d' Eroe L' Africa ancora.*****Metastasio.**

QUITUBIA.

TU, Deosa de *com bocas*, que nos pintas
As ondas do Mar Negro em sangue tintas,
E o Niester incerto, e irresoluto

(1) Sem saber a quem pague o seu tributo,
Eternô assumpto de *deiradas Iras*;

Agora que dos Reis (2) dormem as iras,
Teus olhos sobre a escura Africa estende;

Depois, alada Deosa, os arés fende,
E entoa, ao som de barbara trombeta,

O forte Capitão da (3) Guerra Preta
Esforçado (4) Quitubia, o *Tójo sabe*.

(1) Foi escrito no mez de Novembro de 1791.

(2) A Paz Geral.

(3) Este he o seu Posto, e assim se intitula.

(4) He o seu nome de Guerra: quer dizer Fogo: o seu nome de Baptismo he Domingos Ferreira da Assumpção. Assim mesmo se chamou seu Pai que governou o Presidio de Ambaca. E o mesmo nome teve já seu Avô, que depois de obrar proezas na guerra, foi o primeiro da sua côr, que disse Missa no Presidio das Pedras.

Quanto valor dentro em teu peito cabe.
 Herdaste de teu Pai o nome, e o brio,
 Que foi terror do perfido Gentio:
 Fez-lhe sentir da nossa espada o peso;
 E levando nas mãos o raio accezo
 (5) Queimou a Corte da (6) feroz Rainha.
 Mas tu ganhaste, além dos que elle tinha
 Novo Direito á immortalidade:
 He teu brazão a tua lealdade.
 O Titulo, que tens, deo-te a victoria:
 C'o teu sangue compraste a tua gloria,
 Que ainda que essa cõr escura o encobre,
 Verteste o por teu Rei; he sangue nobre,
 (7) Em vão o Pai te quiz ás letras dado:
 Estava o bravo (8) Encogy acastelado
 No fragoso rochedo ao Ceo vizinho,
 Qual Aguia pendurada dó seu ninho;
 Quando a córagem, que teu peito encerra,

(5) Nas guerras, em serviço da Coroa, contra a Rainha Ginga sua Tia. E obrigou-a a retirar-se, e passar para a outra parte do Rio Whamba; e a pedir paz em 1744.

(6) A Rainha Avô desta chamava-se D. Veronica; mas o seu nome he D. Bengue.

(7) Na sua mocidade applicou-se aos Estudos na Capital de S. Paulo de Loanda; mas apenas se preparou a primeira expedição, deixou os livros, e foi guerrear.

(8) Potentado, a quem conquistámos a pe-

Gritou a teus ouvidos guerra, guerra.
 Fugiste á Paz, correste aos inimigos;
 Foste buscar a gloria entre os perigos:
 Nem tornaste sem ver sobre ruinas
 Tremular na alta Pedra as Lusas Quinas.
 Depois atravessandó o negro mundo,
 Duas vezes de incognito Balundo
 O Sertão penetraste valoroso:
 Lá he que nasce o (9) Gangu tortuoso,
 Que desce até perder na (10) Cuanza o nome;
 Aonde o (11) Crocodilo os preto come
 Tentaste então, em guerra trabalhosa,
 A barbara Quiçama seqüiosa;
 Terra vil, de tostados horizontes,
 A quem negou o Ceo rios, e fontes:
 Mas no ventre das (12) arvores sombrias
 Resguardão do calor as agoas frias
 Da chuva, com que mal se apaga a sede,
 Que a ti, e aos teus ir mais avante impede,

dra, ou serra, que conserva o seu nome. Hoje he bom Vassallo da Coroa com outros dous Potentados seus vizinhos, o Ambuella, e o Ambuila.

(9) Rio, que vem do Sertão de Benguella.

(10) Rio bem conhecido, que entra no mar ao Sul da Capital de Angola.

(11) Gangu na lingua do Paiz.

(12) Estas arvores chamão-se Embondeiros: algumas são tão corpulentas, que doze

Apenas da fadiga descansado,
 Para diversa empreza nomeado,
 A estrada do valor de novo trilhas:
 Lá te vejo abraçar as fertes (13) Ilhas,
 Que a Cuanza em torno serpeando lava:
 Que inda que as defendia gente brava,
 Evitar não poderão a ruina,
 Que a dura Lei da guerra lhes destina.
 Já passavas os dias em socego,
 Quando os réos Dembos, com orgulho cêgo,
 Rompem a guerra: a Guarda retrocede;
 E socorro, e vingança a hum tempo pede.
 O grande General te chama, e ordena
 Que os Dembos desleas paguem a pena,
 Tu levantaste a voz, e o braço invicto:
 Conhecerão os Povos o teu grito;
 Longe de si o vil terror sacodem:

homens não as abração. A casca he grosseira,
 e dura; o resto he tão brando, que com fa-
 cilidade, e com qualquer instrumento se dei-
 xa cavar. Os Negros fazem-lhe huma abertura
 pelo alto; e entrando dentro, lhe extrahem
 por alli quasi todo o interior; naquella vasta
 cisterna depositão toda a agoa, que podem re-
 colher da chuva; que deste modo conservão fres-
 ca, e saudavel, nem ha outra no Paiz: a ve-
 getação não só não padece, mas prospera, e
 a arvore cobre-se toda de folhas, de flores, e
 de fructos, que se assemelhão a confeitos.

(13) Pertencem á Rainha Ginga.

Os Valentes de Ambaça á guerra acodem ;
 (14) Ambaça , que teu Pai regeo hum dia ;
 Que rega da Lucalla a enchente fria :
 Pelas margens cubertas de palmeiras
 Vem terçando a Azagaya as mãos guerreiras
 Alma os Valentes seus com igual brio
 Cambambe ao longo do espraído rio ,
 Que cecção verdes , debruçados ramos ;
 Largo passeio dos (15) Hippopotamos.
 Já d'entre tanto arco , e frexa tanta ,
 O Mancebo (16) Cabôco se adianta ;
 O valor pelos annos não espera :
 He temido inda mais que brava fêra.
 E he seu direito , em que ninguém o iguala ,
 Ser quem primeiro exponha o peito á bala.
 O Bengo , que se humilha ao Gram Tridente,
 Da arenosa Loanda a praia ardente ;
 Massangano , que a (17) prumo o Sol recebe ,
 E que da Cuanza , e na Lucalla bebe ;

(14) Rio , que vêm das terras da Rainha ,
 e entra na Guanza.

(15) Na lingua do Paiz Guvo.

(16) Souva Moço , que mostrou muito va-
 lór na guerra.

(17) Esta frase em rigor não designa só
 Massangano : mas poeticamente exprime o ef-
 feito do calor , que he alli tão intenso , que
 succede muitas vezes incendiarem-se ostectos.
 Os Moraçores , em certos tempos , tem sempre
 agoa sobre ellas.

Todos á Causa Publica concorrem ;
 E Moxima, e Calumbo ás armas correm,
 Já perdido de vista o patrio (18) Pungo,
 Cortavas as campinas de Golungo ;
 Já longe estava a gente valorosa ;
 Quando instruido em guerra cavilosa,
 Com temerario pé pizando as ráias
 O (19) Mossulo c'os seus, cobrem as praias,
 E a Capital assustão, pondo logo
 Toda a margem do Bengo a ferro, e fogo.
 O impavido Barão, que tanto pôde,
 Arma o resto da gente, e a tudo acóde,
 Tu passas sem que a nobre ira se abrande,
 O turvo Zenza, o emaranhado Dande ;
 E concedor dos asperos caminhos,
 Lhes vás fazer a guerra nos seus ninhos.
 Nem os (20) rebeldes Dembos te esperarão,
 Que as casas com a preza abandonarão.
 Hum frio susto o peito lhes congela,

(18) Pedra mais alta que as outras, que se deixa ver de huma grande distancia. O primeiro Capitão Mór das Pedras, posto por Sua Magestade, foi Simão Dias.

(19) O Dembo, que se propôz fazer diversão, e atacar a Capital; e que se chegou para nós ao longo do mar até o Bengo; intitula-se Marquez de Mossulo.

(20) Forão o Quinguengo, e o Nabua Angongo, ambos d'além do Dande.

Vendo diante a morte, e a causa della.
 A vida vão salvar nas suas brenhas;
 Outros se acolhem ás nativas penhas;
 Cabe a idade innocente, a curva idade:
 Ah que eu sinto gemer a humanidade!
 Põe debalde a razão á ira o freio.
 Correndo vai a Mãe c' o Filho ao seio;
 Não vê o precipicio, e o tem diante.
 Tu orlas nas, e ficão n' hum instante
 Os fructiferos troncos escachados;
 Os toscos edificios arrazados;
 E em severo castigo de seu erro
 Devora a chamma o que escapou ao ferro;
 Com o exemplo aterrada a infiel gente,
 E Africa assim (21) submissa, e obediente,
 Já o illustre Barão, c' o a espada ao lado,
 As velas solta para o Téjo amado.
 Tu com elle nas azas vens do vento,
 Té ver fugir do instavel Elemento
 Com a frente torreada a gram Lisboa,
 De quem tão alta fama ao longe soa.
 Que ha muito teu sensivel peito encobre
 A ancia que tens, e o pensamento nobre

(21) O Capitão Mór da Guerra Preta, que ficou na ausencia do valoroso Quitubia, he Luiz Gonçalves Vaz, seu Discipulo na Arte da Guerra, e que faz honra ao Mestre; sem ter a estatura do primeiro, tem todo o seu valor, como bem mostrou no caminho de Encogy.

De ver inda 'huma vez na Patria bella
 A alma grande, que viste longe della:
 E que te fez sentir na adversidade
 O raro dom do Ceo, doce amizade,
 Que une as distancias, e que iguala as sortes,
 Mais seguro nos bosques, que nas Cortes.
 Nas mãos lhe achas as redeas do Governo,
 E o mesmo coração, e peito terno:
 Lagrimas doces, lagrimas saudosas
 Viste cahir das faces generosas
 De quem olhou constante, e resoluta,
 Para a desgraça com o rosto enxuto:
 Quando o viste maior foi na desgraça,
 Com a poderosa mão te ergue, e te abraça,
 E te encaminha aos pés do Throno Augusto.
 Gozaste então entre prazer, e susto,
 Quanto a tua alma suspirado tinha.
 Tu viste com teus olhos a Rainha
 De seus Povos felizes adorada:
 Tu puzeste a seus pés a invicta espada:
 E cheio do respeito mais profundo
 Beijaste a mão, que faz feliz o Mundo:
 Ouviste o doce som da voz suave,
 Que tem dos nossos corações a chave.
 Porém leva gravado na memoria,
 Que ao contar as batalhas, e a victoria;
 Os crueis golpes; as mortaes feridas;
 As cabeças dos corpos divididas,
 E em sangue, e pó revoltos os cabellos;

Tu viste enternecer seus olhos bellos,
 Não podes desejar honras maiores,
 Firmou a Mão Real os teus louvores:
 Declarou que se dá por bem servida,
 Unico preço, por que arrisca a vida
 Nação leal de gloria cobiçosa.

Agora torna aos teus: chama-te a espôsa,
 Que com agudos ais rompe o ar denso,
 E estende os olhos pelo espaço immenso,
 Contando os longos dias da saudade:
 A razão, e o dever to persuade;
 Torna aos teus, que te esperão cuidadosos,
 Que á guerra te seguirão valorosos;
 Mostra-lhe o premio, que a virtude anima:
 Conta da bella Europa o doce clima;
 Os usos, os costumes differentes,
 Cheios de inveja os Souvas teus Parentes
 Na Corte o ouvhiáo da Real Tia.
 E em quanto a Augusta, a Immortal Maria,
 Manda do alto do Throno em paz, e em guerra,
 Seus raios, e seus dons ao fim da terra;
 E com a vermelha Cruz te adorna o peito,
 Com este loiro a tua testa enfeito.

A ESPERA AMOROSA

IDILIO.

F Ntre estas verdes sombras tão caladas
 Da luz da lua apenas perturbadas,
 Neste ameno silencio passar quero
 Aqui hade vir ter por quem espero,
 Aqui hade vir ter... ah Ninfa, ah quanto,
 Ah quanto já me tardas! entretanto
 Hum violento fogo me devora
 Do peito o coração quer saltar fóra.
 Coração terno quando presentires
 Que ella já se avizinha quando a vires
 Quando junto ao teu peito te apertar,
 Quando o seu tambem vires palpitar,
 Ainda com mais força hasde saltar;
 Ah que cruéis receios! que terriveis
 Imagens me rodeão! quão possíveis,
 E para hum infeliz quasi infalliveis.
 Se acaso não virá! se presentida
 Seria! oh Ceos! a sua cara vida...
 A serra he solitaria, e he fragosa,
 A selva dilatada, e tenebrosa,
 Até dizem que nella alguns pastores
 Tem visto feras... Deosa dos amores,
 e 6.

Affugentai tão funebres idéas,
 E o frígido receio, que nas veias
 Correr não deixa o sangue livremente,
 Terei de ser em tudo descontente?
 O' fonte copiosa, que com brando
 Murmúrio este bosque vás regando,
 Mova-te a compaixão minha agonia,
 Hum doce somno aos olhos meus envia,
 Ella em vindo hade ver-me, hade acordar-me,
 Porém não; de ti quero retirar-me,
 Não quero adormecer Ceos! e quão louco
 Hés vinda Mirtilo, e por hum pouco
 Perder querias gloria mais que humana.
 Quando da tua Ninfa soberana
 Ao longe presentires as pizadas,
 E o rugido das roupas delicadas,
 Quando airosa movendo o pé ligeiro
 Ao longo deste placido ribeiro
 Com o favor da escassa luz da lua
 Vires que se avizinha a Ninfa tua,
 O' Ninfas destas arvores, e fontes,
 Não duvido que nestes ferteis montes
 Tenhais de amor sabido mil segredos,
 Tereis visto, e passado dias ledos;
 Mas se os corações nossos ver podesseis,
 Eu vos juro que inveja nos tivésseis.
 Vereis Ninfas a força tão incrível,
 Quando virdes voar-me arrebatado
 Em a vendo, e em seus braços apertado

Nada poder dizer-lhe, e só no peito
Sentir de amor o coração desfeito,
E ambos de hum só fogo consumidos
Ambos sem côr, sem falla, e sem sentidos . . .
Ah Mirtilo! Mirtilo! hum desgraçado
Como tu ainda espera que hade o fado
Conceder-lhe huma gloria tão subida;
Cuidas que inda hasde ter gosto na vida,
Amor mandou que espere, esperar quero,
Esta he a ultima vez que nelle espero;
Vós doces esperanças, e tu fado,
Que tanta vez me tendes enganado,
Venus, e Amor, ah! baste de crueldade,
Ao menos huma vez fende piedade;
Deixai, deixai-me ver minha Marfida,
E por paga tomai, tomai a vida.

José Anastasio da Cunha.

S A U D A D E S.

DE hum coração que amor magoa
 Estes gemidos são ;
 E quasi nêem gemer já pôde
 O pobre coração.
 Que jaz enfermo de huma ausencia ,
 E sendo em males taes
 Remedio o tempo , o tempo aggrava
 O seu cada vez mais.
 Que he de huma especie sobre humana
 Seu mal , nem pôde ter
 Remedio aqui , sómente allivio
 Allivio de gemer ,
 Que allivio he , e doce allivio
 De quem se o seu amor
 Não vê , não quer mais companhia ,
 Que de o não ver a dôr
 Na ausencia gostos passatemplos
 O são só para os mais ,
 Que amor tão raro , ou antes unico
 Só gosta de dar ais.
 Suspiros , e ais , gemidos , lagrimas ,
 Amada companhia ,

Oh quem pudera só convosco
 Passar a noite, e o dia,
 Sem se humilhar ao fingimento,
 Pedindo-lhe emprestado
 Disfarce vil, pois he disfarce
 De riso gosto, e agrado,
 E a cortezia, antes mentira
 Ceder tão nobremente
 Ao coração no peito ouvindo
 Clamar que o rosto mente.
 Suspiros, e ais, gemidos, lagrimas
 Em vós esta alma tem,
 Condignos cultos com que adore,
 A imagem do seu bem,
 Imagem, imagem mais que bella,
 Antes direi celeste
 Que a minha inteira unica dita
 Inteiro me prendeste,
 Não digo bem, tu nos uniste,
 Nem ha poder algum
 Que nos desuna, que apartados
 Ou juntos somos hum,
 No raro sangue da virtude
 Ensopo o fado a mão
 Rasgando hum unico, que temos
 Mas grande coração,
 Que em nós distancia tempos pensas,
 Não tem influxo algum,

Mas doe, e muito.. ah doa... hes minha
 Sómente, e somos hum,
 E somos hum; e possa nunca
 Deixar de repetillo,
 E ausente mesmo dessa mesma
 Tão doce boca ouvillo,
 Que o nosso amor, qual chama electrica
 Os longes desprezando
 Faz com que estamos hum ao outro
 Ouvindo, e contemplando
 Entrestecida a face vejo
 Angelica divina,
 Que a pensativa saudade
 Maviosamente inclina,
 E humedecer-se a luz dos olhos,
 Meus olhos que fazeis,
 Nós promettemos de ter animo.
 Animo, não choreis,
 Nós promettemos de ter animo,
 Mas vós chorando estais.
 E estes nadando em grossas lagrimas
 Vos dizem que o tenhais,
 Nós promettemos, mas quem póde
 Quem póde não chorar,
 De hum coração rasgado vendo
 O sangue a distillar,
 Que das metades amantissimas
 As lagrimas taes são.

Entre anciosissimos soluços
 Que anciosas dão,
 Que lobo, ou urso, ou tigre fero,
 Ou homem, que ainda mais
 He deshumana a gente humana,
 Que os feros animaes
 Que humanos, pois, ainda que delles
 As leis, e os usos são
 A injusta, e dura, e impia causa
 De tal separação,
 Que crueldade em fim, tão seccos
 Os olhos pódes ter,
 Que a mais que sanguinosa scena
 Sem choro possa ver,
 Pois mais que sangue, e mais que morte
 A nossa ausencia he,
 Nem posso crer que sem remorso
 O mesmo fado a vé,
 Mas promettemos, e em que haviamos
 Em que melhor gastar
 A longa ausencia, ainda quão longe
 O tempo que em chorar
 Oh! mal, mal sabem os vulgares
 Amantes a doçura,
 Que goza a nossa saudade
 Do pranto na amargura
 Se ao nosso amor o mundo he nada
 Posso outro gosto achar

Mais do que amar-te, amar-te sempre
 Ver-te, e se não chorar
 Correi, correi saudosas lagrimas,
 Que este papel regais,
 Veja o meu bem que os meus gemidos
 Fieis acompanhais,
 E enternecendo-o brandamente,
 O' lagrimas maviosas!
 Fazei que chore outras mais ternas,
 Mais doces, mais mimosas,
 Ah.. mais não posso.. Ah! cruéis lagrimas,
 Que a falla me tentais;
 Meu bem! ah ouve-me! ah entende-me
 Ao menos nestes ais.

O mesmo,

O D E.

I.

Pezado alfange, golpe fero
 Hes da doença, ou hes da morte;
 Eu me resigno, e firme espero
 O derradeiro fatal corte.

II.

Tu leve sopro, entendimento,
 Alma immortal por onde andavas,
 Qual luz da véla exposta ao vento
 Me parece que te apagavas.

III.

Se a vida só vira extinguir-se,
 Ah! que he a vida, e o mundo? nada;
 Mas ver huma alma dividir-se
 Mais que de si, da sua amada.

IV.

Morrer! e sem ao meu encanto
 Poder mostrar o affecto meu,
 Ah! sem poder mostrar-lhe o quanto
 Sou todo inteiramente seu.

V.

Ah Ceos! porém eu me resigno;
 Mas se aqui findo os dias meus,
 Oh! algum Zefiro benigno
 Ao meu amor leve este *Adeos*.

VI.

Adeos objecto idolatrado
 Do mais intenso, e puro amor,
 De amor tão doce acerbo fado
 A gentil planta cega em flor.

VII.

Adeos, *adeos*, sabe que em quanto
 O espirito ou corpo existe, he teu;
 Vive feliz, tão feliz quanto
 Se fôras minha o fôra eu.

VIII.

Mas para mim agudo estóque
 Curiosa a dor torna a apontar,
 Desfeito em sombra ao fino toque
 Tudo de mim vejo affastar.

IX.

E tu essencia incomprehensivel,
 Tu do universo alma, ou rei,
 Patente em tudo, e invisivel
 Em quem hum pai creio acharei.

X.

Levo a teus pés qual mo entregaste
 Simples, e humano o coração,
 Amor ao bem que mo inspiraste
 Fraquezas, e erros... crimes não.

XI.

Pia amizade acaba em tanto
 O pio officio derradeiro,
 E as libações me faz de pranto
 Na pedra liza, e sem letreiro.

XII.

Terna amizade se presentido
 O não tiver no peito o amor
 Te irá dizer manso ao ouvido,
 Já não he vivo o teu pastor.

XIII.

E quando a praia, e a espessura
 Que absorto ao pé de ti me via
 Minha afeição tão terna, e pura
 Té debuxar na fantasia.

XLV.

Brandos suspiros eu não engeito,
 Nem gentil lagrima que amor
 Verter, mais que amado peito
 Com saudade, mas com dor.

XV.

E disse então maraviosamente
 Raro, e leal foi o amor seu,
 Meu foi meu todo inteiramente,
 E se ainda existe ainda he meu.

O mesmo.

A U S E N C I A

I D I L I O.

Tradução do Inglez.

P Astores que viveis
 Tão ledos neste valle sem cuidados,
 Antes todos empregados
 Só nas vossas ovelhas os trazeis,
 Ah! se algumas das minhas
 Encontrades perdidas, ah! chamai-as,
 De Coridon para o curral levai-as,
 As pobres desgarradas ovelhinhas,
 Deixai-me andar vagando pensativo
 Dando suspiros, não vos seja estranho
 Ver-me tão demudado como vivo,
 Ninguem no seu rebanho
 Algum dia como eu cuidado tinha:
 Mas de lá me apartei ó Filis minha,
 Agora sim, já sei o que he lutando
 Com o receio, e desejo andar
 Sei o que he admirar, e estar amando,
 E o que se admira assim deixar
 Oh tirai de manhã dos curraes meus,
 E á noite recolhei o triste gado,
 Desfalecido, estou desamparado.

A' minha cara Filis disse adeos,
 Desde que pôz em mim os olhos seus
 Do bacello perdi todo o cuidado,
 A minha frauta eu perca, e o meu cajado
 Se hum só conheço dos cabritos meus,
 Prezava sempre a hora que passava
 Mais que as melhores que antes tinha tido;
 Mas já lá vão, e choro arrependido
 Por mais não as perder do que as prezava;
 Mas de imaginações, porque cercado
 Ando sem fructo aqui a magoar-me,
 Oh porque do lugar pude apartar-me,
 Onde me alimentava o seu agrado:
 Que importa me dissessem que ausentado
 Se tinha a que soubera cativar-me,
 E pela qual o valle era affamado,
 Onde com ella já me desgarrára,
 Com gosto tambem só vagando andára.
 Quando a partir me vi forçado em fim,
 O coração cuidei que me estalava,
 E cuidei mas talvez não seja assim,
 Que de ver-me apartar se magoava,
 Attenta olhava a pena, e a demora
 Com que da sua vista me partia
 -Tão piedosa, ide embora me dizia,
 Que cuidei de lhe ouvir torneis embora
 Romeiro que caminha todo o dia
 Para ir ver remotissima capella
 Se trazer póde huma réliquia della

Dá por bem empregada a romaria,
Tal eu para tão longe desterrado,
Daquella formosura
A quem consagro a minha devoção,
A reliquia que trago he a doçura
Da esperança em meu firme coração,
E aonde quer que me levar o fado
Nella só heide achar consolação.

José Anastacio da Cunha.

A SOLIDÃO

Traduzida de Pope

Ditoso o que em paternas polícias goza
 Seus desejos encerra, e seus cuidados,
 E respira contente o ar nativo

Em terra sua.

Seus gados lhe dão leite, pão seus campos,
 Seus rebanhos vestido pelo estio

Acha nas próprias arvores a sombra,
 De inverno o lume.

Correm-lhe em hum desleixo abençoado

Suavemente as horas, dias, e annos

Com saude no corpo, paz no espirito,

Vêla tranquillo.

A somno solto dorme o estudo, e commodo

Possue unidos licito recreio,

E c'ó a meditação mais saborosa

Goza o retiro.

Deixem-me assim viver desconhecido,

Deixem me assim morrer sem ser chorado

Do mundo homiciado, e sem que a campa

Diga onde jazo.

! O mesmo.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Ode traduzida de Pope.

P ai de tudo adorado em toda a idade
 Dos polos ao equador
 Por barbaros, por santos, e por sabios
 Jove, Jehovali, Senhor,
 Grande, primeira causa, e a mais occulta,
 Em cujo immenso pégo
 Submergida a minha alma só conhece
 Que hes bom, e que eu sou cêgo;
 O bem, e o mal a distinguir me ensina
 Em tão grande escuridade
 Se a natureza ao fado prendes, deixa
 Livre ao homem a vontade
 Tudo aquillo que dicta a consciencia,
 Oh fazemo appetecivel
 Mais do que o Ceo, e tudo o que prohibe
 Mais que o inferno horrivel
 Nunca eu benções engeite que da tua
 Liberal mão receber,
 Pois Deos se paga quando o homem acceita,
 Gozar he obedecer,
 A minha mente não encerres neste
 Globo, ou torrão limitado,

Nem do homem só Senhor se julgue ven-
do-me

De mil arvoredos rodeado,
 Não presuma esta mão fraca inerte
 Os seus coriscos vibrar,
 E cuidando que são teus inimigos
 Homens nações condemnar;
 Minha alma se eu vou bem no bem presista,
 Por tua graça ajudada
 Se vou errado, ah conhecer-me faze
 Essa que he melhor estrada
 Por mais que o teu amor otorgue ao homem,
 Ou lhe negue o teu saber,
 Livra-me sempre da vaidade nescia
 Como de impio desprazer,
 Ensina-me a sentir o mal alheio,
 A alheia falta occultar,
 E a clemencia que eu uso c' o meu proximo
 Comigo a queiras usar;
 Vil sou, mas não em tudo, pois me alenta
 O teu sopro; ó tu me guia
 Na passagem qualquer que for da vida,
 Ou da morte neste dia,
 Sustento, e paz hoje me dá de quanto
 O sol banha c' o a luz sua
 Se he melhor que mo dês ou não bem sabes,
 Faça-se a vontade tua,

A ti pois, cujo templo he todo a espaço
 Terra, e mar, e Ceos o altar
 Todo ser forme hum corço, toda se erga
 A natureza a incensar.

O mesmo.

S O N E T O.

A Chou Fabio hum torrão de barro loiro,
 Que amassou de vagar muito a seu geito,
 E delle fez hum homem tão perfeito,
 Que a todos parecia ser de oiro.

Ninguem se lhe atrevia em seu desdoiro,
 Mas o tempo que a nada tem respeito,
 Na grande perfeição fez tanto effeito
 Que elle mesmo lhe foi funesto agoiro.

Olhou Fabio que he justo, e então pondera
 Que a vaidade deste homem a que elle ama,
 Contra o mesmo factor logo se altera.

Levanta o braço, e contra o vicio exclama,
 Derriba a mesma estatua que fizera,
 E do estrago sómente dura a fama.

José Basilio da Gama.

Por occasião de se deitar ao mar huma não
 chamada a Serpente.

S O N E T O.

JA' do lenho as prizões se desatárão,
 E assustada a serpente as aguas trilha,
 Já ondeia no mar a instavel ilha,
 E já no fundo as ancoras pegárão.

Os ventos sobre as azas se firmárão
 Por ver de perto a nova maravilha,
 E ao vasto pezo da disforme quilha
 Gemeo Neptuno, e as ondas se encurvárão.

Verdes Ninfas gentis do mar undoso,
 Conduzi pelos humidos lugares
 Esse errante edificio magestoso.

E entre tantas empresas singulares
 Diga o mundo qual he mais glorioso,
 Se dar leis a terra, se dar freio aos mares.

O mesmo.

I D I L I O.

Marcia inconstante.

I.

HA não longe do Têjo
 Hum florecente prado
 De mirtos odoríferos cercado,
 Onde os ternos pastores
 Ou-ão os seus ardentes,
 Seus sinceros amores
 Explicar às pastoras innocentes.

II.

Toldão-ll e o ar das flores
 Os perfumes suaves,
 E o rompe o canto de sonoras aves.
 Cristallinos ribeiros
 Em torno o vão cruzando,
 E os ventos lisongeiros
 As transparentes aguas encrespando.

III.

Muito tempo o escondêrão.
 Os Deoses soberanos
 Aos olhos vis dos miseros humanos,
 N' um Templo se venera
 Venus que o põe acima
 De Paphos, e de Cithera
 De seu amado Grido, e mais o estima.

IV.

Hum dia que eu passava
 Nesta doce floresta
 C' o a minha amada Marcia a ardente sésta,
 Ora tendo apertada
 A mão branca, e formosa
 Outr' ora a delicada
 Face beijando alegre, e vergonhosa.

V.

Hum dia, oh dia triste
 Ah infeliz momento!
 Causa do seu castigo, e meu tormento,
 Ao som de huns verdes ramos,
 Que o vento mal movia
 A Cupido encontramos,
 Que sobre a molle relva em paz dormia.

VI.

Os jogos, e os risos
 Que sempre o andão cercando
 Hum pouco longe d'elle hão brincando,
 Jazia só Cupido
 A terrivel aljava
 O arco tão temido
 Tudo sem exercicio aos pés lhe estava :

VII.

Cobrio-o Marcia todo
 De mil flores cheirosas,
 De mirthos, de boninas, e de rosas,
 E impondo-me c' o dedo
 Hum silencio profundo,
 Porque estivesse quedo,
 Ria de ver assim o Deos do mundo.

VIII.

Mas em que me detenho?
 Diz subito a maligna,
 Outra obra emprenharei de mim mais di-
 A mudanças affeito gna,
 Este Deos inconstante,
 Voa de peito em peito,
 E aos homens faz mudar a cada instante)

IX.

Cortar-lhe-het as azas ,
 E tinha já seguras
 N' huma mão a tisoira , n' outra as pennas ,
 Pennas resplandecentes ,
 Faltou-me todo o espirito
 Com vozes vehementes
 Detem-te Marcia , mas de balde grito.

X.

Não me ouvio a teimosa ,
 Voavão já cortadas
 Das azas as gentis pontas douradas ,
 Largou o duro ferro ,
 E timida fugindo
 Contenté do seu erro ,
 Vai do escarneo de Amor ufana rindo.

XI.

Acorda Amor , pertende
 Voar , desconhecido
 Pezo o deixa confuso , e abatido
 Faz das azas mil provas ,
 Tres vezes as sacode ,
 Recobra forças novas ,
 Mas de balde forceja , em fim não pôde.

XH.

Attenta as curtas pennas
 De lagrimas hum rio
 Lhe rega o rosto descórado, e frio
 Desde o assento divino
 Ouvio a mái formosa,
 E o carro cristallino
 A'quella parte guia cuidadosa.

XIII.

Mái, minha mái, diz elle,
 Batia as leves azas, mas que feio
 Furor mas tem cortado,
 Que funesta mudança,
 E nem de ser vingado
 Me resta ao menos debil esperanza.

XIV.

Não chores não meu filho,
 Não chores, não, não chores,
 Que valem contra ti loucos furores,
 Vem ao meu seio brando
 Verás em tempo breve
 Como vão renovando,
 Já maiores estão... já estás mais leve.

XV.

Já estão quasi perfeitas...
 Já... neste mesmo instante...
 Ah! vóa, caro filho, he já bastante,
 Deo hum vôo primeiro
 Tornou ao seu regaço,
 Deo outro mais ligeiro,
 Em fim voou do mundo ao largo espaço.

XVI.

E em cruel vingança
 Vingança detestavel!
 Tornou a Marcia a Ninfa mais mudavel,
 He mais firme do que ella
 Dos mares violentos
 A tumida procella
 A voluvel fortuna, os leves ventos.

XVII.

Cada dia a devora
 Novo amor, nova chamma,
 N' huma hora ama mil, n' outra outros ama,
 A mim he que castiga
 Cupido poderoso,
 Mas que a razão o obriga
 A castigo tão duro, e tão penoso?

José Anacleto de Cunha

MORRER DE AMOR

O D E

Traducção de Catullo.

COm qual Nume seu fado
 Se dignará trocar,
 Quem junto a ti sentado
 Absorto pôde estar,
 Ouvindo, e contemplando
 O doce riso, e brando
 Doce porém malino,
 Porque tanto endoudeço, e desatino,
 Porque Nize em te vendo
 O alento me fallece,
 Panno, e fallar querendo
 A lingua se entorpece,
 Todo o corpo huma chamma
 Subtil me corre, e inflamma,
 Retinem-me os ouvidos
 De interno proprio som ensurdecidos,

Do dia a luz me encobre,
A nevoa denegrida,
Que ambos os olhos cobre,
E então com a cor perdida,
Sem falla, e sem sentido,
E trémulo, e perdido,
Para teus braços corro,
Pasma, estremeço, e morro... Ah Nize e
morro.

O mesmo.

T R A D U C Ç Ã O

De huma scena da *Venice Preserved.**Belvidera, e Jafiers.*

I Dolo da minha alma, affortunados
 Meus olhos quando podem contemplar-te,
 Meu coração pezado
 Seu doloroso palpitar esquece,
 Quando te vê, e salta de alegria,
 Oh dá-me hum ar de rizo como quando
 Nossos amores no seu auge estavam,
 Minha alma fortalece.

Jafiers.

Como quando
 Nossos amores no seu auge estavam!
 Pois ha mudança acaso em nossa sorte;
 Não hes tu *Belvidera* sempre a mesma?
 Milagroso composto
 De belleza, de affecto, e de virtude,
 Se estás mudada, onde acharei refugio,
 Onde para este coração allivio?
 Com quem irá desabafar meu peito?

Belvidera.

Pois parece mudança,
 Ou froxidão no amor, quando assim venho
 Arrojar-me ao teu seio
 Com a resolução que inspirar pôde
 A verdade sómente a hum peito puro,
 E não está meu coração batendo
 Ao teu desafiando
 Para hum novo combate de delicias,
 Mais gloria tenho em ti mais alegria,
 Que tua propria mão a vez primeira,
 Que com o braço estreito
 Te teve unido ao peito os Ceos louvando
 Pelo trabalho, e dons que passára,

Jafers.

Póde haver em mulher fé tão subida,
 Por certo o mal que contão do teu sexo
 He falso, he tudo falso.
 Mulher! amavel dom que a natureza
 Ao homem deu para aperfeçoallo,
 Brutos sem vós seriamos,
 Pintão-se á vossa semelhança os Anjos,
 Para mostrar-se o quanto são formosos,
 Em vos ha tudo quanto do Ceo cremos,
 Resplendor prodigioso,

Candura, fé, verdade,
Contentamento eterno, Eterno amor.

Belvidera.

Ah se amor he riqueza he summa a nossa,
He tanto o meu, que temo
Que o coração me rompa,
Não não podem palavras explicito,
Quando quero exprimir quanto he meu gosto
O meu proprio conceito me soffoca,
Suspiro, em vão suspiro,
Que nem assim me desafoga o peito,
Que tão violento affecto opprime e anicia,
O leva me meu bem para hum deserto,
Leva-me a solidão mais espagosa,
Onde minha alma tenha desafogo,
Onde possa cantar em muitas vozes
Aos altos Ceos, e aos Astros
A força immensa com que Amor me ateehe,
Com que me abraza toda,
Onde te tenha praça nos meus braços,
E en sentisimo Amor toda desfeito.
Todo em amor tão terno te desafa,
E onde se possível fóra
Toda a chamada exalar que me devota.

Jafers.

O' Belvidera, em dobro hoje a desgraça
 Me opprime, não bastou tirar-me tudo,
 Senão até no amor
 Ver-me a ti devedor,
 Cruel necessidade,
 Necessidade immensa feia harpia
 Me segue a toda a parte, e me persegue,
 Poderás tu soffrer o frio, e fome,
 Póde esse teu tenro corpo delicado
 Para os jogos do brando amor formado,
 Soffrer os golpes da aspera pobreza,
 Quando em nosso desterro que não póde
 Tardar já muito, em clima mais humano,
 Onde ignorados sejão nossos nomes,
 Soccorro procurarmos hasde então,
 Quando nos virmos em lugar de cama
 N' huma pouca de palha ambos expostos
 Do frio ás inclemencias, e ás dos ventos,
 Que á roda da cabeça nos soprarem
 Hasde então dizer-me isso, ou hasde então
 As penas dessa sorte mitigar-me,
 E em teu amor assinar refugio dar-me?

Belvidera.

Oh! heide amar-te ainda em louca amante
 Inda que meus sentidos distrahidos
 Me desamparem, heide ainda então
 Intervallos achar em que este pobre
 Coração desabafe,
 E se una todo ao teu,
 Se para descansarmos
 Nada mais do que a terra,
 Sem mais sustento que hervas, e raizes,
 Nem outra habitação mais que huma cova,
 Ou de abrigo oiteiro,
 Te farei deste braço travesseiro,
 E em te vendo dar ais, e o peito inchado
 C'o a dura adversidade
 Ao teu seio gentil me lançarei,
 De amor a suavidade
 Na tua alma meu bem derramarei,
 Tê que entre meus afagos adorneças,
 E então ao Ceo mil votos enviando,
 Até a Aurora te estarei velando.

Jofiera.

Ceos, ouvi, e admirai-vos,
 Admirai a vós mesmos que a fizestes,
 Reinai reinai embora Reis do mundo,

Que o que chamais grandeza e magestade
 Nunca igual a que gozo
 Vos deixará gozar felicidade,
 Vós navegais nas ondas da fortuna,
 Que cortezes se lanção
 A vossos pés, e logo
 A's nuvens vos levantão
 Para a vossa soberba encher de vento,
 E a primeira borrasca vos devorão,
 Em meu tenue batel eu naufragante,
 Qual mercador que n'hum pequeno cofre
 Todo o seu cabedal fechára acaso;
 Unica cousa com que em terra estranha
 Póde escapar dos mares á braveza
 Para por terra proseguir agora
 Meu inda que pequeno
 Precioso riquissimo theouro
 Com ancia unido ao peito assim terei,
 A fortuna cruel desprezarei,
 Nem mais nos mimos seus me fiarei.

O mesmo.

Tradueção de hums Versos Ingleses.

Quando de ancia me estala o coração,
 E allivio nem o Céu nem vós me dão,
 Sem até na esperança achar favor,
 Custa a sentir o golpe, e não chorar de dor,
 Permitti pois este si por despedida
 Nascido da amizade a vós devida,
 Não engeita a modestia huma amizade,
 De hum ai se dóe a mesma crueldade,
 Qual avamento que ou desesperado
 Com horror olha para o mar turbado,
 Ou pela aspera costa em vão intenta
 Achar o oiro perdido na tormenta
 Morrer quizera contra as ondas clama,
 Pensativo assim eu desamparado
 Já da vida, e do mundo estou cansado,
 Vós todos meus cuidados suavezais,
 Vós toda a pena em gloria transformaveis,
 Com vosco o Céu o gosto tanto unio,
 Que apenas me deixaste me fugio,
 Contra mim a amargura despendido
 Tem já todo o seu fel mais denegrido,
 Nem se póde já dar maior tormento,
 Nem achar póde em mim mais sofrimento.

O mesmo.

E DITAVO O.

Ou talvez, amiga, digna, e tanto
 De toda a gloria deste nome santo,
 Santa lagrima do golpe mal previsto
 Não merecias, e então como foi isto
 O agrado d'Anjo discrição bondade,
 Que erão a abna, aonde estão na eternidade,
 E me escote de esta rara sepultura
 O corpo que era mais que formosura,
 Sem insignias, sem titulo pizado...
 Podre, em pó, daquella alma separado
 O que foute o o que eu peno diga o este
 Grito que eu só entendo = Anna morreste. =
 Acabou-se, ai descansa, e estas aceita
 Lagrimas da amizade mais perfeita,
 E que nos hade ocupar dor de perder-te
 Incerto, e sempre até que possa ir ver-te
 Na desconsoação do meu semblante
 Hum monumento em tanto tens constante,
 E a alma desida que dos olhos mana
 No peito escreve = Jaz aqui D. Anna.

O mesmo.

SONETO III

C eos, porque tão convulso, e consternado
 Me bate, ao vella o coração no peito?
 Porque pasma entre os beijos congelado
 Indo a fallar-lhe e tímido conceito?

Porque nas aureas ondas engolfado
 Da caudalosa trança ainda que affeito
 Me pautraga o juizo embellezado,
 E em ternura suavissima desfeito?

Porque a luz dos olhos seus activa,
 Por languida ainda mais encantadois,
 Me cega, por a ver ancioso clamo?

Porque da mão nevada sabe tão viva
 Ghamnia que me electiza, e me devora?
 Os menores meus porques me dizem amo?

O mesmo.

Monologo da Alzira de Voltaire.

Acto III. Scena I.

M Eu morto amante ; em fim pude ser
 falsa ,
 A' fé que te jurei . . . não tem remedio ,
 E a Gusmão para sempre estou sujeita ,
 Esse mar que entre os nossos emisferios
 Se levanta separação baldada ,
 Em fim para nós foi . . sou sua . . os votos
 Ouvio o templo em fim , e estão escritos
 Já lá no Ceo os nossos juramentos :
 O' tu que me não deixas , ó querida ,
 Ensanguentada sombra , o sombra sempre
 Presente a meus sentidos lastimados ,
 Caro amante se podem minhas lagrimas
 A perturbação minha os meus remorsos
 Penetrar teu sepulchro , e á morada
 Chegar dos mortos ! se ha hum Deos que possa
 Fazer viver depois de feito em cinza
 Aquelle espirito heroico , aquelle
 Coração tão fiel , e mavioso
 Aquella alma que até o derradeiro
 Suspiro me quiz bem , este consorcio
 Me perdoa em que em fim consentir pude
 Sacrificar-me era forcoso ás ordens

D' hum pai que tenho, e ao bem dos meus
vassallos

Cuja mãe sou ; a tantos desgraçados
Ao pranto dos vencidos, ao socego
De hum mundo, onde, ai de mim, já tu não
vives

Zamor! deixa que esta alma que rasgar-se
Está sentindo, siga em paz o horrivel
Dever, ao qual os Ceos me condemnarão,
Vé a necessidade, e estes laços
Cruéis permite: assás me tem custado.

O mesmo.

A existencia de Deos.

O D E.

F, Xiste, existe Elpino hum Nume eterno
 Debalde o cêgo incredulo blasfema,
 A pezar dos esforços,
 Com que ataca a razão, e os Ceos ultraja
 Existe hum Deos dominador supremo,
 Tremendo o Mundo seu poder conhece,
 Em profundo sileacio
 Inclinando-se o Ceo o adora, e aclama.

He elle, he elle quem suspende a raiva,
 Dos bravos aquilões que se conjurão
 Em denodada guerra
 A seu sabor accende, e extingue o raio,
 Conserva os Reinos, e os transforma em cin-
 zas,
 Elle exalta o pequeno, e abate o grande
 De suas mãos potentes
 Corre prompta igualmente a vida, e a morte.

Esmaga se lhe apraz frentes illustres
 Conduz, suspende na carreita immensa
 Das inclitas victorias

O mancebo Tezeu que a terra admira,
 Os largos dias, os extensos mares,
 Os Ceos a terra producções são suas,
 A sua voz eterna
 O nada lhe obedece o nada he tudo.

Do nada o mundo sahe, do nada os astros
 Do nada brota o sol, e brilha, e gira
 Na abobeda convexa

As leis formou que a natureza segue,
 Ah conhece, me exclama impio Epicuro,
 Melhor ás leis dos atomos n'hum vacuo
 Não foi a mão de hum Numaen
 Quem fez girar o sol que nasce e morre.

Não suspendeo no Ceo brilhantes globos,
 Nem deo á noite o manto tenebroso.

Teu indiscreto zelo
 Te allucina, e seduz mancebo insano,
 E da mentira o véo teus olhos cobre,
 Hum vacuo existio sempre immenso, e vasto
 Em sempiterno giro
 Nelle ao acaso os atomos se volvem.

Efeito portentoso! a terra, e os mares.
 O Ceo, e o claro sol, mortal tu mesmo
 Cuja razão turbada
 Se crê filha de hum Deos, tu só do acaso
 Hes producção, o acaso te conserva,
 Execranda blasfemia os meus ouvidos
 De todo se horrorizão,
 Já não supporto mais, meu stro emudece.

Brada a verdade, d'outra sorte brada,
 Oigo em minha alma a voz que he justa,
 e clama,

• iste hum Deos eterno,
 Elle a vida te deo, elle infinito
 O mundo produzio, e o mundo acaba,
 Elle he só immortal, e antes do mundo
 Sem principio existia,
 E hade existir depois do mundo, e sempre.

Porque tremes mortal quando furioso
 Ergues a mão cruel de fer. o armada,
 E no seio innocente
 De hum pai que te gerou teu ferro embebes?
 E quando pela Patria ousado e forte
 Vais a morte affrontar, punir o crime,
 Em paz a consciencia
 Te faz gozar de hum bem puro e sincero?

Abfe os olhos ingrato , é o ser supremo
 Descobre , e vê que a teu pezar se mostra ,
 E lá dentro em ti mesmo
 Humas vezes fulmina o crime , e outras
 C'o a paz premeia da virtude as obras ,
 E o coração pulsando
 Te diz que existe hum Deos , ou sinta , ou
 goûte.

E sómente o mortal , clama o Supremo
 Dominador da natureza , pôde
 Com sacrilega ousadia
 Minha essencia negar ! vinde remorsos ,
 Funesta turbação rasgai-lhe o seio ,
 Sedé do crime algoz , do crime effeito
 Précursores do estrago
 Uni-lhe ao coração o horror , e o espanto.

E tu serena paz voa , e derrama
 Dentro n'alma ao mortal nectar celeste ,
 Quando sopeia o vicio ,
 Quando á louca ambição seus olhos fecha ,
 Quando agrilhõa a sordida avareza ,
 Quando o vil interesse esmaga e piza ,
 Então lhe persuade
 Que eu sou da vida auctor , dos bons o premio.

Assim conheceo Elpino, assim descubro
 O magestoso ser do Author dos entes
 A pezar da impiedade
 Desde as praias do Hidaspe á foz do Têjo,
 E desde o polo austral ao lado opposto
 Mil diversas Nações seu nome entoão
 A existencia lhe mostra
 O estado a alguns, a natureza a todos.

Que energica lição o intimo senso
 A todos mostra hum Deos potente e sabio,
 Que dos Ceos azulados
 Enche a extensão, e existe além do espaço
 No centro do meu peito acho gravado
 A grande idéa de hum supremo numen,
 Que o justo remunera,
 Que dá premio á virtude, e ao vicio a pena.

Não cahe nos olhos meus o véo do engano
 Aterradores sonhos não perturbão,
 Meu coração tranquillo
 Platão, Descartes, como eu sinto sentem;
 E sente hum Deos, e reconhece hum numen
 Rude Hotentote nos cerrados bosques
 No meio das desgraças
 Hum ai que o peito exala hum Deos publica.

Espinosa brutal; tu do atheismo
 Propagador n' hum seculo de vicios

Mostra á face da terra

Que inseparaveis companheiros andão
 N' hum falso espirito, hum coração corrupto

Quer ver o crime impune, e o crime nega
 A existencia daquelle

Que não desejão as paixões que exista.

Mas eu te clamo, incredulo, debalde,
 Tu que em silencio hum vingador receias;
 Quando o trovão rebrama,

E quando parte a nuvem raio acezo,
 Tu descorado; e tremulo té assustas,
 Segue a imagem de hum Deos, segue os teus
 passos,

Tu corres, e te escondes,
 Corre comigo a voz que diz que existe.

A Vosco da Gama.

O D E.

I.

OS bellicosos peitos
 De mil triunfos nunca satisfeitos ;
 De que são testemunha ;
 Os illustres braços que estão pendentés
 Nas elevadas frentes
 Vencendo o vento irado , e o mar profundo
 Passão a dominar a todo o mundo.

II.

Guerra o Téjo pregoa
 O som vehemente pelos ares soa ,
 E vê turbada , e triste
 Que maiores triunfos Lisia soma ,
 A populosa Roma.
 Armas se juntão pelo Reino inteiro ,
 Palpita alegre o coração guerreiro.

III.

Já branqueão as vélas
 Objecto forte ás horridas procellas,
 E o Téjo as crespas ondas
 Vaidoso estende pelas longas praias,
 Opprimida das faias
 Da armada entrega o mando glorioso
 O Rei prudente ao Gama valoroso.

IV.

Já vão soltando ao vento
 As fortes náos o bellicoso accento
 Dos castellos respondem
 Sulfúreas bocas treme a terra, e soa
 Gloriosa Lisboa.
 Movem-se as náos que os mares vão rompen-
 do,
 Mil triunfos a Lisia promettendo.

V.

As flamulas nos ares
 Voão ; e descem a beijar os mares ;
 E o guetreiro valente,
 Que os brancos pannos vê mover na praia
 Não se turba, ou desmaia,
 Antes jura fazer sempre notoria
 Em toda a parte a Lusitana gloria.

VI.

Vai-se a terra afastando,
 E a grande armada as ondas apartando;
 Quando na Lusa praia
 O sacro Téjo a frente levantando
 Alegre, e venerando
 Endireitando o collo, e a barba espessa,
 Com grave accento assim dizer começa

VII.

» O' fama generosa,
 » Suspende hum pouco a trompa harmoniosa,
 » Com que por todo o mundo
 » Giras cantando o nome soberano
 » Do Grego, e do Troiano,
 » Volta os olhos verás no mar sagrado
 » Mais digno empenho a teu clarim dourado.

VIII.

» De Neptuno opprimido
 » Admira pelas praias o bramido,
 » Verás fugir as ondas
 » C' o temor do leão, que adorna a proa,
 » Com a Regia corôa,
 » E os ventos esquecidos das procedias
 » Firmar os hombros nas redondas vélas.

IX.

- » Verás que senhoréa
 » De Africa inculta a costa negra, e feia,
 » Verás prostrar por terra
 » As soberbas columnas do Thebano
 » Com valor mais que hum no,
 » Ignotas regiões irão surcando, a
 » Rudes, barbaros povos subjugando.

X.

- » Verás com aspecto iroso
 » Arrancar da cabeça o loiro honroso,
 » Com que Lieu se adorna,
 » E verás illustrar as praias pobres
 » Com edificios nobres
 » Da grande Asia opprimida a maior parte
 » Farão turbar de horror o mesmo Marte.

XI.

- » Esforça o nobre alento
 » Afina, e muda as vozes do instrumento,
 » Que na futura idade
 » Serás ao som da trompa sonora
 » De cantallors vaidosa
 » Não duvides dos feitos singulares,
 » São Portuguezes os que vés nos mares.

José Basilio da Gama.

*A' traducção das Metamorfoses de Ovidio
feita por Almeno.*

O D E.

C Laro filho de Apollo, illustre Almeno,
A quem com gloria a aurea idade nossa
Soberda de teu fado com teus versos
Oppõe a Grecia e Roma
Logo ao nascer os Deoses te enviãrão
A mesma Musa que ao Peligno Vate
Ensinára a cantar em brando metro
As trasmudadas fórmas
Pondo em ti desde então seus lindos olhos
Com meigo gesto de sagrado nectar
Teus beijos horrifou, e disse; cresce
Serás, Almeno, Vate.
Eis te entrega, e na tenra mão te firma:
A lira d'oiro que já Roma ouvira,
Tu a tocas Almeno, e os sons repetem
Os Sulmonenses cantos
Torna a agitar-se a máquina do mundo
Do escuro câhos raia a luz, e ordem
Desvairadas idades vão correndo,
E as aguas as sepultão

Ressurge da ruina o novo mundo
 Deoses em homens, homens se convertem
 Em varios monstros, já em loiro e pedra

Alvas Ninfas se mudão,

Soão por vales, bosques, rios, montes,
 De mil amantes namoradas queixas
 Com mais formosas galas apparecem

Amor, e gentileza

Aqui, aqui c'o a branca mão abrindo,
 O virgem seio onde as graças morão,
 Novas graças entorna nos teus versos

A Musa que te guia.

Corre tão fertil a nativa veia,
 Que a tua bem que rica, é Sulmonense,
 He a par della que do mar á vista

O tímido regato.

A FALSIDADE DE ALFIZA.

O D E.

Traducção de Shenstone.

D Eixai de cuidar no meu gado,
 Pastores cuvi-me cantar,
 Seu emprego he vagar pelo prado,
 Meu emprego he sómente chorar,
 Porém não deveis criminar-me,
 Que he bella, e a gostar comecei
 Sorria-me, senti-me abraçar,
 Foi falsa, e perdido fiquei,
 O sizo perdi logo ao vèlla
 Senão bem pudera suppôr,
 Que era a posse de Ninfa tão bella
 Para algum mais galhardo Pastor;
 No amor tudo facil achamos,
 Não nos deixa o amor reflectir,
 Sempre a boca da Ninfa que amamos
 Nos parece benigna sorrir,
 Reparai vós que ouvis meus lamentos,
 Que foi falsa, e perdido fiquei,
 Não se curão depois taes tormentos
 A fugir-lhes agora sprendeí,

Vós que Ninfas amais d'alta esféra
 Vêde bem de que geito as seguis,
 Ah de balde dizer-vos quizera
 Que são perfidas, quanto gentis,
 Quam ditoso esperei poder ver-me
 Desde quando a cruel me encontrou,
 Pois não tenho valor de esquecer-me
 Do gesto que a paz me roubou.
 Se o tempo taes males suavisa
 O arbusto, e a flor, e o pomar,
 Que de balde criei para Alfiza
 Me podem talvez consolar,
 Doce cheiro da rosa orvalhada
 Dos cristaes sussurrantes o som,
 A paz no retiro encontrada
 O thema hade ser de Cleom,
 Vê mil glorias a vã fantasia,
 Mas quão vã he a essencia que tem
 O prazer que em Alfiza eu teria
 Linda o fado o não deo a ninguem,
 Estendei arvoredos os ramos,
 Quero-me ir dentro em vós embrenhar,
 Viver quero c' os lobos, e gamos,
 E da gente me quero affastar;
 Mas sempre hade a flauta ajudar-me
 A cantar como aqui comecei,
 Que sorrio-se, e senti abraçar-me
 Foi falta, e perdido fiquei.

José Anastacio da Cunha.

A A V A R E Z A.

O D E.

L Oiro metal, que a perturbar o mundo
 Do centro profundissimo sahiste,
 Da terra que te esconde
 Nunca tu viras do sereno Olimpo
 A clara luz que embaciar pudeste.

II.

Quantos monstros contigo se escondêrão
 A quem não farta o sangue, a quem não pôde
 Dos miseros humanos
 Nem a morte aplacar; da mesma cova
 Sahio contigo a escravidão, e a morte.

III.

Marte sahio tambem com elle horrendo
 O temor descorado, e o medo, e o espanto
 O luxo insaciavel,
 E mais funesto mal, e inda mais duro
 Que a dura morte, que a sanguinea guerra;

IV.

Céga, e louca ambição contigo ao mundo
 Veio o facho accender, seguem-lhe os passos
 As iras inflammadas
 O fausto, o orgulho, a estolida soberba,
 Com que hum lado, outro lado esmaga, e piza.

V.

Metal infame da justiça a vara,
 Tu podeste dobrar; Themis contigo
 A inflexivel balança
 Deixou pender da parte do interesse,
 Tu cativas a luz, e a luz foi tua.

VI.

Mais do que o ferro, e o trisulco raio
 Tu penetrar, e destruir pudeste
 Inaccessiveis muros
 Cerrados esquadros tanto não podem
 Como tu podes derramar a morte.

VII.

Tu pefejas, tu vences, e não fartas
 Em sangue humano a sedé encarniçada,
 Linda mais do que o ferro
 Entregas tristes victimas á morte
 Linda mais que elle cortas, atassalhas.

VIII.

Cruel Pigmalião profana, e mancha
 C' o sangue de Sicheo sangue innocente,
 As sacrosantas aras
 Oiro aguçã o punhal; e a Polidoro
 Priva da vida, e das riquezas priva.

IX.

Os seculos de ferro em que nascemos
 Oiro os soube gerar delle corrêrão.
 Essa idade ditosa
 Que de oiro se chamou não conhecia,
 Do funesto metal a estima, e o apreço.

X.

Brota da terra a frigida cicutã,
 O corrosivo Arsenico se cria,
 Nas entranhas da terra
 Produção mais cruel da terra tirão
 As mãos dos homens que metal escavão.

XI.

Se ella escondêra as opulentas veias,
 Nova serie de seculos nascêra,
 De seculos ditosos
 Sobre o nosso Horizonte então surgirão,
 O sol mais puro, mais serenos dias.

XII.

A sede de oiro as temerarias falas
 Levou pasmadas do Oceano ás ondas
 Por meio de naufragios
 Além do rubro mar, e além do Ganges
 A procurar, que dôr, o oiro, e a morte.

NAUFRAGIO.

O D E.

Sacro, e potente Nume
 Igual a Jove, que o salgado argento
 C' o tridente fatal tiveste em sorte,
 Porque de ira tão cheio
 Te vejo contra mim turvado, e negro
 Ameaçando estragos, e ruinas,
 Que alto nome grangeas
 Em sepultar hum combatido lenho,
 Ondé ao Ceo, mas em vão, se offrecem votos,
 He esta a fê sincera?
 Que promettias com sereno aspecto,
 Ah se não tens de teus cachopos duros,
 E carcomidas róchas
 No coração a asperrima dureza
 De tão amargos fervidos suspiros,
 Que em tuas ondas soão,
 Commovido a piedade, ah prestes muda,
 Em tranquilla bonança, a immensa guerra,
 Mas tu sempre mais fero
 Cresces, e brames com mais raiva insano,
 E surdo aos rogos meus ao vento entregas
 O cego, e vão desejo,

Sem freio errante pensamento humano,
 Só em tuas ruínas empenhado,
 Que amortecido tinha
 O lume da razão, quem foi primeiro
 Tentar em debil lenho o mar profundo.
 Não era assás fortuna
 Em nossos damnos conjurada, e prompta!
 Mas tu sulcando o mar cego lhe deste
 Novas armas, e força,
 E não bastarão os extensos campos
 Para cobrir nos esbrugados ossos
 Trofeos da dura morte
 Era preciso que iada ouzado abrisses,
 No fundo mar tão larga sepultura
 Solta da curva praia
 Mancobo incauto as enfunadas vélas
 Da sacra fome de nizo esparcado,
 Cruel contra si mesmo:
 Atás deixa o suave, e antigo ninho,
 E c' o pezo da idade o pai curvado,
 Que na triste partida
 C' os olhos nelle fitos quasi morto
 Entre os braços já languidos o aperta,
 Em quanto ao Ceo faz votos
 Por elle, seu prazer, seu firme esteio,
 Eis na arenosa praia o corpo exangue
 Vê lançar pelas ondas

O alto cabello arranca, o peito fere,
 E a morte invoca que apressada venha,
 Enche o ar de suspiros,
 E sonde quer que dirija o incerto passo
 Com elle as feras, e os penhascos chorão,
 Com profundo conselho
 Vedou natura em tudo experta, e pia
 Deixar a terra por buscar as ondas.
 A seu mais nobre filho
 Estancia assinalou segura, e firme,
 E subranceira ao mar, que em torno a fecha,
 E quiz que eterna guerra
 Fação á praia as ondas inimigas,
 Porque o mortal mais tema, e se resguarde,
 Mas taes leis desprezando
 Quiz transgredir o seu natal limite,
 E abatendo altas faias, e pinheiros
 Cobre os montes de ultrajes,
 E já de novas azas guarnecido
 Lança os remos ao mar, ao vento as vélas,
 Perde de vista a praia,
 E equilibrando temeraria antena
 Sobre o liquido campo o vôo estende,
 Novo Perilo infame
 Miseravel Author do proprio estrago
 Para teu mal teu mesmo engenho armaste;
 Porém tu só dos vicios

Fonte, e raiz do mais funesto exemplo,
Céga avareza, tu lhe abriste o passo,

E o caminho mostraste

De ir accrescer o mar com o nosso pranto,
Tu com teus dons empobrecido o mundo.

C A N Ç Ã O.

FNtra Musa da morte no aposento,
 Onde a noite perpetua habita, e mora,
 Nua terra, despido pavimento,
 Sómente guarnecido dentro, e fóra
 De infinitas mortalhas,
 E grosseiras entalhas
 Que os ossos cadavericos formárão,
 Que da putrida carne se arrancárão.

Não te assombres, ó filha da memoria,
 Entra a ver os paineis de mais espanto,
 Vai ver onde acabou do mundo a gloria,
 Que assumpto deve ser de eterno pranto,
 A coroa, o cajado,
 Ambos do mesmo lado
 Sem distincção alguma a Magestade
 O pastor, e o Rei com igualdade.

Alexandre soberbo, Rei potente,
 Conquistador do mundo bravo e forte
 Diogenes tambem alli presente,
 Que das armas zombava de Mavorte,
 A esqualida pobreza
 A tumida riqueza
 Unidos alli vejo Icaro, e Cresso,
 E Mario com Jugarta alli conheço.

h

Lucidos carros da triunfante Roma
 Debalde aguda vista aqui procura,
 Riquíssimo despojo em grande somma
 Não faz aqui papel, não faz figura,
 Informes esqueletos
 São os tristes objectos,
 Que da morte os triunfos nos publicão,
 E que tudo ter fim bem certificação.

Aureos sceptros, riquíssimas tianas
 Os loiros, o triunfo, a valentia,
 Vencedores que obrarão cousas raras,
 Não figurão aqui de mais valia
 Que os miseros vencidos
 Entre o pó confundidos,
 Que descalços de pés, e costas nuas
 Arrastarão grilhões, correndo as ruas.

Sabios Gregos das Seitas inventores,
 Que os loiros de Minerva conseguirão,
 Já perdidos do mundo os esplendores
 A cinza fria os fados reduzirão,
 Alli Platão divino
 De tanto louvor dino
 A quem teceo o mundo longa historia
 Apenas dura d'elle inda a memoria.

Das bellezas que os povos astombrarão
 Das Lucrecias, Penelopes, e Didos,
 Que as almas mais isentas cativáião,
 Alli vemos seus ossos carcomidos
 A morte negra, e dura
 Dissipa a formosura,
 E transformado em pó tem o destino
 O que foi simulacro cristallino.

Longe imagens caducas da grandeza,
 Longe que duração tendes tão pouca,
 Inda acaso o fantasma da nobreza
 Encontrará no mundo gente louca?
 Vassallo ou Soberano
 Sentem o mesmo danno
 Que da morte ao imperio absoluto
 Todos sem distincção pagão tributo.

Santa virtude, que no Emphyreo moras,
 Só tu altos heroes caracterizas,
 O' com quanta razão seguida fôras!
 Os piedosos mortaes immortalizas,
 Só tu virtude santa
 Tens valor, força tanta,
 Que podes triunfar da morte dura,
 Do mundo enganador, e da ventura.

Theodoro de Sousa Maldonado.

A FORTUNA.

O D E.

I.

SE hum rosto afavel , se hum fagueiro riso
 A voluvel fortuna
 Te mostra , o Silvio , acautelado teme ,
 He perfida he cruel , quando he benigna ;
 E quando mais eleva
 A quem nella confia
 Com mór estrondo o precipita , e esmaga.

II.

Com leda sorte se alucina Athenas
 E no poder immenso ,
 Que a fortuna lhe dá certa descança
 De velivelas náos as ondas cobre ,
 O' praias de Trinacria ,
 Não temais pois conduzem
 Sómente para si seu fado , e morte.

III.

No mar que insu'tão , que enfunadas cortão
 Vão buscar sepultura
 Já combatidos gemem já se abismão ,
 E de Atica o poder no abysmo escondem ,
 E quando a altiva Roma
 Vê desde os sete montes
 Vencido o mundo os barbaros a vencem.

IV.

Vê transformada em sangue Antonio em
Acio

A cerulea planice

Quando soberbo se promette o imperio
Com a mesma fo.ça com que vence o Nilo

.
.
.

V.

Ella os titulos dá, e ella as riquezas,
Mas perfida nos re.uba

O juizo, a razão, e então se apossa
A soberba de nós julga vileza

Ceder ao poderoso,
E nem lembrar-nos deixa
Da fragil vida, que ligeira foge.

VI.

Soffrer não sabe igual, já se abalança
A maiores empresas,

Que ella não póde sustentar nos hombros,
E sem conselho, e sem razão caminha

A misera ruina
Ao baratro profundo
Que ella debaixo de seus pés escava.

h 3

VII.

Mas farte-se de gloria, e cinja a frente
 De vecejante loiro
 A macilenta inveja que insoffrida
 Com mão atraíçoada ataca, e fere
 O que he raro, e sublime:
 Em silencio a desgraça,
 Ah quantas vezes dos Heroes procura.

VIII.

O que cerrados esquadrões não podem
 Vencer a ferro e fogo
 Com braço armado em campo descoberto
 Póde a inveja sagaz, vence, e triunfa.

.

IX.

Feliz mediocridade, tu só podes
 Dos golpes da ventura
 Defender o mortal; grande fortuna
 Do seu pezo opprimida estala, e fende
 Fere o trisulco raio
 Os empinados cedros,
 Nem prostra o vento inça que dobre a cana.

SONETO.

O Gado meu aquelle pobre gado
 Retalho escasso que dos bens tivera,
 Não o pude iada ver, por huma féra
 Dizem que amanheceo despedaçado.

O meu Melampo já tão celebrado
 Por outras muitas que vencido houvera,
 Não a pôde vencer, mas quem pudera
 Oppôr-se ao golpe do destino irado.

Sabio o Doiro do seu leito antigo
 Arrazou-me os torrões de que formada
 Era a cabana, que me dava abrigo.

Levou-me a sementeira a trovoadá
 Teria a minha Tirce algum perigo?
 Ah se Tirce escapou não tive nada.

O TEMPLO DE NEPTUNO.

IDILIO.

A Deos Termindo , adeos Augustos lares ,
Da formosa Lisboa o leve pinho ,
Já solta a branca véla aos frescos ares.

Amor o puro amor do patrio ninho
Ha muito que me acena , e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do Deos marinho

Eis a náó que já d'hum , já d'outro lado
Se deita , e se levanta , foge a terra ,
E me foges tambem Termindo amado.

Da alegre Cintra a desejada serra
Mal apparece , e o valle , que ditoso
De Lilia , e Jonia a voz , e a lira encerra.

Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira ,
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a Real bandeira
Despregada da popa , que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar de quando em
quando

O vento, os varios climas, e o perigo
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva cõmsigo,
E te arranca dos braços n'hum só dia
O suspirado ir.ão, e o caro amigo.

Rijo Norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do sol os raios puros
Voltarão, e só mar, e Ceo se via.

Quando a esteril Salvage (a) os verde e curos
Hombros ergueo do sal que se quebrava
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo que animava
O retorcido buziõ, e diligente
De todo o mar a Corte se ajuntava.

Rate as azas hum Gemio, e vêm contente
N'humã mão a coroa, n'outra a taça,
Deo-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo pois de Febo a mão escassa
Nega seus dons aos rudes, e aos profanos
Guarda meus Versos dessa tosca raça.

h 5

(a) Ilha deserta não mui distante da Madeira.

Embora os leão peitos sobre humanos,
 Que no cume do monte bipartido
 Virão das santas Musas os arcanos.

Entre no Templo de cristal polido
 Do grão Neptuno amplissima morada,
 E o vi n'hum throno de safira erguido.

De frente está de Ninfas rodeada
 A branca Thetis, as enormes Phocas,
 E os amantes Delfins guardão a entrada.

Os grandes rios, que por largas bocas
 Entrão no vasto mar com fama e gloria,
 C'o as urnas vêm desde as nativas rocas.

Vejo a paz, a fortuna, e a victoria,
 O Deos da Arcadia, o inventor da lira
 Venus, Amor, e as filhas da memoria.

Principe amado por ti suave gira
 Nas cordas d'oiro o delicado plectro
 Apollo o move e Clio assim respira.

Em alto nupcial, festivo metro
 Do lucido Titan a bella esposa
 De côr de rosa o aureo coche adorna.

E alegre tórna a nos mostrar seu rosto,
 Cheio de gloria, de prazer, de gosto,
 As brancas azas sobre o novo leito
 Aos Ceos acceito o casto Amor estende,
 A pira accende, e inda estreitar procura
 O mais ditoso laço a fé mais pura;
 Concordia, tu que tens de Amor a chave,
 Prizão suave tu lhe tens tecida,
 De quantos Ida em margens deleitosas
 Cria intactos jasmims, e frescas rosas,
 Persico ornato a fertil copia ajunta;
 E de Amatunta a Deosa delicada
 Vêm rodeada dos Cupidos bellos,
 Huns voão, outros lhe pendem dos cabellos
 Casta Lucina o teu formoso aspecto
 Com doce affecto inclina, e nos dê prova
 A prole nova que he de amor tributo,
 E seja de taes ramos digno fructo,
 Se fundarão por seculos inteiros,
 A vós guerreiros de Lisboa os muros
 Netos futuros entre gloria immensa
 Nascei, he vossa a justa recompensa,
 Cercão o throno a candida verdade,
 E em tenra idade a rara fé nobteza,
 Graça, belleza, e quanto o Ceo fecundo
 Por honra da virtude envia ao mundo,
 O jubilo nos povos se derrama
 Alegre a fama vai de agoiros cheia,
 E a nuvem feia que a tristeza envolve
 Espalha o vento, e em átomos dissolve

Do grande Avô o espírito disperso
 Pelo Universo vóa, aos seus vindouros
 Prepara os loiros, vejo a murta, e as palmas
 Dignas coroas de tão grandes almas
 Posta da Augusta filha o forte braço
 Por longo espaço sustentar o escudo,
 Que ampara tudo o que o seu Reino encerra,
 E encher de astros o Ceo, de Heroes a terra.

Cantou a Musa, e sobre todos chove
 Celeste ambrosia a lado mensageiro
 Leva as noticias ao supremo Jove.

Ouvio então do mar o reino inteiro
 A fatidica voz, e o nobre canto
 De Protheo, que os futuros vio primeiro

Cantava como ainda... mas o espanto
 Dos olhos me roubou tudo o que eu via,
 Que os tímidos mortaes não podem tanto.

Cheia de himo, e de ostras dividia
 A já cançada proa os mares grossos,
 Até que amanheceo o novo dia.

Se em fim respiro os paros climas nossos
 No teu seio fecundo ó patria amada,
 Em paz descansem os meus frios ossos.

Vive Termindo, e na inconstante estrada
Piza a cervis da indomita fortuna,
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do throno em solida columna.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

QUADRA.

As ondas encapeladas
 Se ouvem na praia rugir,
 Não te arrisques, não me assustes,
 Não me queiras consumir.

GLOZA.

I.

Onde Hero ao seu doce amor
 Lá na opposta Sesto o espera
 Debalde, e em vão pertendéra
 Ir de Abido o nadador
 Das ondas contra o furor
 Forças provára baldadas,
 Tres vezes d'alma alentadas
 A fendellas se abalanção,
 E outra vez na praia o lançaõ
 As ondas encapeladas.

II.

De Hero o lume suspirado
 N'alta torre ao longe ardia,
 A cuja vista dizia
 Suspirando o desgraçado,
 » Bravos ventos, mar irado »
 » Basta de me perseguir »
 Teu fado não quer ouvir,
 Roga, e exclama descontente,
 E as roucas ondas sómente
 Se ouvem na praia rugir.

III.

Que Hero o escute , e veja Hero
 Pálida , afflicta , e sem paz
 Do malevolo amor faz
 Bravo prestigio fero
 Detem-te , grita , ah , não quero
 Que o fatal projecto sustes ,
 E que tanto ó Ceos me custes ,
 Abrandarão meus pezares
 Meu bem aos ventos aos mares
 Não te arrisques , não me assustes.

IV.

Diz , e de pranto rocia
 O lindo nevado seio
 Do accezo Leandro enleio ,
 Quando a sorte o permittia ,
 Não te exponhas prosegua ,
 Póde o Ceo meu rogo ouvir ,
 Póde a meus ais annuir
 Mandar placida bonança ,
 E este raio de esperança
 Não me queiras consumir.

AO ILL.MO E EX.MO SENHOR
D. RODRIGO DE SOUSA
COUTINHO.

O D E.

Si quantum cuperem, possem quoque.
Hor. Epist. 1. l. 2.

ENxuga Elisia o pranto de teus damnos,
Verás em fim o termo que escondido
A teus olhos está entre o cerrado
 Nevoeiro dos tempos,
Verás benigna mão de amante filho
Suspender teus desgostos, em teu peito
Fomentar o calor d'altas empresas,
 Vestir-te novas galas,
E sob os seus auspícios consummar-se
O bosquejo feliz que inda imperfeito
Os malevolos annos desfizerão
 Fruto dos meus trabalhos...
Dos trabalhos de hum Rei novo Sesostris,
E Numa justiceiro, cuja gloria
Dura nos corações mais que no bronze
 Dos fidos Portuguezes,
O Neto de José sempre o primeiro,
Empunhando o temão nos procellosos

Dias funestos da cruenta guerra

Escolherá Rodrigo

Vergonhea dos Coutinhos bem que moço

De maduro conselho que o aviso

Nem sempre he filho dos tardios annos,

Da lição diuturna

A sua voz de voadores lenhos

Povoará os campos de Amphitrite,

E o ferreo grilhão tornará leve

Ao fulo Americano

No regaço da paz livre o commercio,

Respeitada a justiça em abundancia

Conter a multidão o seu desvello

Será; da lei suprema

A bem do povo interprete zeloso,

Qual eu fui ao meu Rei, elle ao seu Rei

Será o braço forte a mão potente,

Os olhos perspicazes...

Mandava o grande Rei, eu diligente,

E prompto executava cooperando

Fiel á sua fama grangeava

O nome sempiterno,

Fui Conde, fui Marquez, e fui Tenente

Do mesmo Augusto Rei, mas tudo he menos

Que segurar o throno vacilante,

E suffocar as serpes

Que a discordia fatal em ti lançára,

Elisia dessolada, quando apenas

Do montão de ruinas levantavas

A cabeça abatida

Eu fulminei fanaticos (1) rebeldes ,
 Eu descobri hypocritas bifrontes ,
 E com imparcial crise severa

Depurei tuas luzes

Soltei-te os froxos braços , ensinei-te
 A quebrar pouco , e pouco indignos ferros ,
 Com que estranha Nação te prende , e avilta ;

Tu foste respeitada ,

Teu Commercio florente , a Magestade
 Enlaçou-se c'ò a pompa , e c'ò a riqueza ,
 E d'entre as minhas mãos mais rica , e bella

Renasceste das cinzas.

Em fim cedi aos fados : tu de loiros
 Vás deixando a Rodrigo infatigavel ,
 Que de novo te adorna te enriquece ,

Colheita sem limites ,

Acabou de fallar tornou-se alegre
 Elisia a foz do Téjo o Heroe preclaro
 A ilharga do Rei aonde esperão

O tempo venturoso ,

O tempo está chegado ; o mar o sente ,
 Sente-o o Brazil doirado , o Sena adusto ,
 E o remoto Catai humildes cultos

Te envia do Oriente ,

Seus cultos pois acolhe , acceita acceita
 Excellente Rodrigo o meu presagio ,

(1) He notoria a insubordinação dos Jesuítas.

E sóbe incontrastavel da Memoria
 Ao cume scintilante,
 Assim eu possa em tanto a tua sombra,
 Lá onde ao padre Oceano o feudo paga
 O largo Praguaçu, longe da Patria
 Escarnecer da fome,
 E dentre os pergaminhos ensaiar-me
 Nas divinas Canções: o estro ardente
 Só tributo aos Varões uteis á Patria;
 Depois tornando ao Téjo
 Com sonora voz aquella parte
 A que puder chegar, dos teus louvores
 Direi, direi que a mão benigna deste
 Ao pálido infelice,
 Que formaste o cantor que te arrebatá,
 Por entre os esquadros do encanecido
 Roaz esquecimento além do Lethes
 Sobre as azas dos hymnos.

*Sume superbiam
 Quesitam meritis.*

Hor. Od. 3. l. 3.

Gonçalo Vicente Portela.

O I T A V A.

Estavas linda Ignez posta em socego
 De teus annos colhendo o doce fruto
 Naquelle engano d'alma ledo, e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito,
 Nos saudosos campos do Mondego
 De teus formosos olhos nunca enxuto
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas
 O nome, que no peito escrito tinhas.

Camões Cant. 3. est 120.

G L O Z A.

I.

P Assavas com descanso noite, e dia
 De amorosos cuidados innocente,
 Já veudo as flores que este campo cria,
 Já do Mondego a placida corrente,
 Já ouvindo das aves a harmonia,
 Com que voão cantando alegremente,
 E apezar desse Deos injusto, e cego
 Estavas linda Ignez posta em socego.

II.

Amor que ha muito tempo o magoava
 Ver-te isenta passar a flor dos annos,
 Em ti descarregando toda a aljava
 Queria sujeitar-te aos seus enganos,
 Da multidão das settas que atirava
 Nenhuma faz em ti seus crueis damnos,
 Antes hia sem dar a Amor tributo
 De teus annos colhendo o doce fructo.

III.

Voa a Sicilia o Deos envergonhado,
 Entra do Pai nas fumegantes covas,
 E depois de se haver de ti queixado,
 Formosa Ignez lhe pede settas novas,
 Bem mostra neste excesso que empenhado
 Quer fazer de teu peito extremas provas,
 Só porque vivas tendo amante emprego
 Naquelle engano d'alma ledo, e cego.

IV.

Huma setta Vulcano lhe põe prompta,
 Porque sentio o filho ver afflicto,
 Com a qual castigue sua affronta
 Como se o não amar fosse delicto,
 No gume de oiro de afinada ponta
 De Pedro lhe gravou o nome escrito
 Por levar da innocencia aquelle fructo,
 Que a fortuna não deixa durar muito.

V.

Já corta o ar sereno o Deos menino
 Com a paterna dadiva contente,
 Deixando atrás o Ploro, e o Paquino
 A Serdenha, e Maina juntamente
 Vê á esquerda a Italia, o Apenino,
 Os Pyreneos já passa a libra gente,
 E a seu vóo ligeiro põe socego
 Nos saudosos campos do Mondego.

VI.

Aqui pertende das antigas dores
 Tomar vingança, restaurando a gloria,
 Já grita, ativa Ignez, dos meus furores,
 Hoje não fugirás, tenho a victoria,
 Inda tempo virá, em que os Pastores
 Aqui venthão cantar della a memoria
 Ao pé deste rochedo bronco, e bruto
 De teus formosos olhos nunca enxuto.

VII.

Acabou de fallar, e diligente
 Por não errar o tiro fez estudo,
 Despede a setta corre velozmente,
 Traspassa o tenro peito o ferro agudo;
 Aprenda diz Amor todo o vivente
 Que a meu grande poder se rende tudo;
 E vós ó Ninfas, ide as glorias minhas
 A's flores ensinando, e ás hervinhas.

VIII.

Fugio Amor, roubando-te o socego,
 Ignez d'huma alma livre o melhor fructo,
 Que não póde ao imperjo duro, e cego
 Humano coração resistir muito,
 Amante já as margens do Mondego
 Passéas com o rosto nunca enxuto
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas
 O nome, que no peito escrito tinhas.

Joaquim Ignacio de Seixas.

F. E. M.

ALPHABET
VOWELS
YANABU

This book is due two weeks
below, and if not returned at or
five cents a day will be incurred

869.11

C685

Collecção de poesias ineditas dos me-
lhores autores portuguezes.

869.11

C685

R 10 1933

